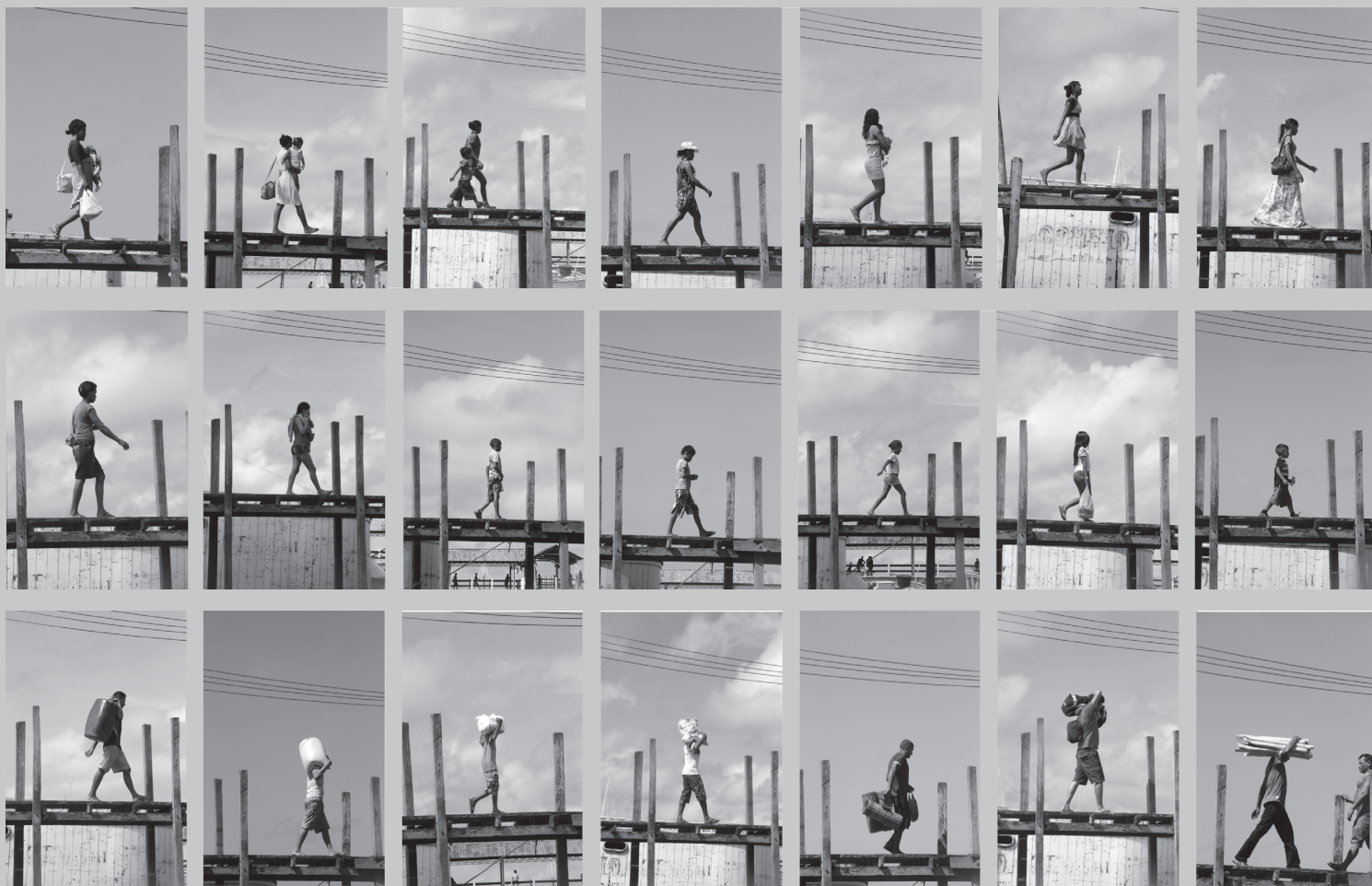




ARTE PARÁ
2013

Capa
ARY SOUZA
Artista Premiado
Belém-PA

Compasso I, II e III
Fotografia | 2013

ARTE PARÁ 2013

Curador Paulo Herkenhoff

ARTE PARÁ ANO 32

Museu do Estado do Pará

Museu de Arte Sacra

Espaço Cultural Casa das Onze Janelas

Museu Paraense Emílio Goeldi

FUNDAÇÃO ROMULO MAIORANA

10 de outubro a 10 de dezembro de 2013

Belém-PA

2014

O Arte Pará registra os caminhos percorridos e estreita os vínculos com a arte contemporânea

Há trinta e dois anos a Fundação Romulo Maiorana vem reiterando o seu compromisso de propagar a produção artística e cultural contemporânea. Com as exposições promovidas pelo Arte Pará, a população tem a oportunidade de acesso e integração ao universo multifacetado da arte e da cultura.

Na sua mais recente edição, as exposições do Arte Pará tiveram como cenários o Museu do Estado do Pará, o Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, o Museu de Arte Sacra e o Museu Paraense Emílio Goeldi. Durante dois meses, estas instituições proporcionaram aos visitantes o contato direto com um rico e diversificado acervo de pinturas, desenhos, instalações, intervenções e outras manifestações da arte contemporânea.

Além da visitação pública, os espaços expositivos do Arte Pará também foram palco das ações educativas, buscando traduzir a visão de mundo peculiar de cada artista, materializada em seus trabalhos, e estabelecer entre as peças expostas e os visitantes o estreitamento e a identificação culturais necessárias à compreensão, à formação do olhar e à sintonia de sentidos ao se contemplar uma obra de arte contemporânea.

“O Arte Pará abraça o desafio da cultura do século XXI, que é pensar em como entregar a arte à

sociedade”. Este trecho do discurso do nosso curador, Paulo Herkenhoff, na abertura da 32ª edição do Arte Pará, legitima, acima de tudo, este projeto como um espaço de discussão, aprendizado e consolidação da produção artística, em especial, na Amazônia.

Ao atingir um número expressivo de crianças, jovens e adultos a cada edição, o Arte Pará renova o seu intuito de promover a cidadania e a responsabilidade social. Neste aspecto, ressaltamos a generosidade das empresas patrocinadoras, que efetivamente permitem tornar o projeto numa realidade consolidada, na 32ª edição. Agradecemos, portanto, aos patrocinadores Antônio Rezende, da Marko Engenharia; Alaci Corrêa, do Grupo Nazaré e Vicente Noronha, da Faculdade Fibra.

Registramos ainda o nosso reconhecimento ao talento dos artistas participantes e à inestimável contribuição dos pesquisadores, curadores, educadores, colaboradores e da equipe das ORM para a realização deste projeto.

Lucidéa Maiorana
Presidente da Fundação Romulo Maiorana

À la Breton: de um só folego

Arte Pará – o necessário encontro entre o pensar e o fazer, onde a esperança renasce, ao acreditar na hipótese de um homem melhor, por meio da arte, nesta oblíqua caminhada dos milênios.

Vivemos ainda sob o domínio das pulsões instintivas do animal que nos habita, no encontro entre a razão (será?) e a barbárie.

O fazer artístico trabalha as contradições, põe em cheque o estabelecido, problematiza as normas, desafia o imponderável, indaga, questiona e instaura a sabedoria da dúvida.

Arte Pará, a herança e a afirmação dos princípios consagrados, mas também a ruptura. A dança sem fim entre Apolo e Dionísio, eterna celebração entre o sagrado e o profano.

Arte Pará, mostra, ilude, demonstra, ata, desata, constrói, desconstrói, instiga e provoca. Enfim, o círculo virtuoso do eterno recomeçar. Sísifo tropical, ao sol do Equador, rolando as pedras inesgotáveis, tendo o rio-mar e a mitopoética amazônica no protagonismo das ações.

Bem-vindas as pororocas e os pesadelos de todas as índoles, aninhem-se as tempestades e a angústia, afugentem-se os medos e a inércia. O importante é a travessia, sempre, até o fim dos tempos (Fim?).

Arte Pará, a persistência nossa de cada outubro. Intenso e transformador, recepcionando os ruídos do porvir, “sem perder, jamais, a ternura” e a alegria.

O resto é o silêncio mórbido dos afogados.

Paulo Chaves Fernandes
Secretário de Cultura do Estado

Arte Pará: troca cultural

Organizar um salão anual de arte contemporânea, competitivo, curatorial e de alcance nacional, é um grande (e prazeroso) desafio para a Fundação Romulo Maiorana, desde a sua criação, em 1981.

Nesta 32ª edição, o Arte Pará recebeu um número expressivo de inscrições, de todas as regiões do Brasil. Este fato legitima o projeto como eixo catalisador da produção artística nacional.

Ao enfatizar o componente educativo, o Arte Pará amplia, a cada edição, o papel sociocultural da arte. E, o mais relevante, contribui de forma significativa para o desenvolvimento artístico e cultural das novas gerações. Assim, por meio a arte o salão também busca incentivar o exercício da cidadania e da responsabilidade social.

Acreditamos que ao viabilizar o processo de formação e acesso à arte e à cultura, estamos dando um passo significativo no que se refere à qualidade e ao fortalecimento das relações e parcerias firmadas com instituições de ensino, pesquisa e extensão, além das empresas que se associam ao projeto.

Para alcançarmos as metas, ressaltamos a comunhão de esforços para viabilizar esta 32ª edição do Arte Pará, na qual se destacam o Grupo Nazaré, a Marko Engenharia e a Faculdade Fibra, na condição de patrocinadores.

Contamos com o apoio incondicional do Governo do Estado do Pará, por meio da Secretaria de Estado de Cultura, Secretaria de Obras Públicas, Secretaria de Estado de Educação, assim como do projeto O Liberal na Escola, do Sindicato de Transporte de Passageiros em Belém, da Sol Informática e da Veloz Tintas.

Agradecemos especialmente ao curador do Arte Pará, Paulo Herkenhoff, a Marisa Mokarzel, Janaína Melo, Cristiana Tejo e Walda Marques, pelo acuro do olhar sobre as obras dos artistas inscritos e pela valiosa contribuição para esta edição do Arte Pará.

A nossa gratidão aos artistas convidados pelo curador Paulo Herkenhoff, pela participação e o diálogo estabelecido com os vinte e cinco artistas selecionados para o 32º salão.

São intrincados os caminhos a serem percorridos em direção à qualidade e ao fortalecimento da arte na Amazônia e no Brasil. Ao completar 32 anos, o Arte Pará se consolida, cada vez mais, como polo de trocas culturais, estreitando caminhos para os que se dedicam à produção artística no Brasil.

Roberta Maiorana
Diretora Executiva da Fundação Romulo Maiorana

Percursos no Arte Pará

A iniciativa do Salão Arte Pará movimenta vários espaços culturais e artísticos de Belém. Durante dois meses o Arte Pará promove no Museu de Arte Sacra-Galeria Fidanza, Museu do Estado do Pará, Casa das Onze Janelas e Museu Paraense Emílio Goeldi a emoção, a reflexão, a observação e a interpretação ativada pela experiência individualizada e produtiva do olhar através das mostras expositivas.

O Arte Pará avança no processo de consolidação de sua tradição ao criar um lugar para a arte na sociedade. É incontestável a sua penetrabilidade nacional, que nesta edição expande a sua base no Estado do Pará e na Amazônia.

O Arte Pará reconhece o importante papel de socialização da arte, desenvolvido pelo processo educacional, muito mais do que mercado de arte.

O Projeto Educativo do Arte Pará é um dos mais abrangentes no âmbito nacional, e oferece um parâmetro de relacionamento entre um complexo de comunicação e inserção social da arte.

Nos espaços de convivência do Arte Pará, a estimativa é de que mais de trinta mil pessoas visitem as mostras, tomando como base a edição do ano passado e, por conta da ampliação das ações com a visitação, alcançando também o público do interior do estado.

Ressaltamos a parceria com o Sindicato de Transportes de Passageiros em Belém, que cumpre um papel social importante ao disponibilizar um ônibus durante todo o período expositivo. Isso tem alcançado escolas que antes não tinham acesso a um espaço cultural. As crianças vindas de escolas distantes do centro e do interior do estado têm a oportunidade de ter uma experiência com a arte, isso é relevante.

Outro componente educativo é a Edição especial do Arte Pará de O Liberalzinho, que circula no domingo do Círio de Nazaré, dia de maior tiragem do Jornal O Liberal, com veiculação em outros estados na região norte. Posteriormente é feita uma tiragem extra de cinco mil exemplares para distribuição nos espaços expositivos, com ótima aceitação pelas escolas e IES.

O Pará afirmou-se como um dos grandes centros criativos do Brasil; e o relevante esforço da iniciativa privada, devido ao persistente apoio de empresas ao Arte Pará, foi e é uma força que irradia caminhos da cidadania, levando à democratização do acesso ao conhecimento artístico e cultural.

Os vinte e cinco artistas brasileiros selecionados e os convidados Federico Herrero, Pablo Lobato, Thiago Martins de Melo e, conforme já é tradição, o artista homenageado desta edição, Alexandre Sequeira, criam aproximações que só a arte provoca. Todos se aliam sem hierarquia numa natural atração entre a arte e a vida, porém, com seus territórios individualizados de arte e sociedade.

No Museu Paraense Emílio Goeldi o artista de Manaus, Otoni Mesquita, é um dos mais participativos do processo da visualidade Amazônica, com o mais investigativo trabalho que converge o grafismo arqueológico indígena, na prospecção do imaginário amazônico. Otoni persiste na busca do El Dourado, e na arte, e vez por outra ele o encontra.

Sem dúvida, o Arte Pará é um modelo de participação na formação cultural da sociedade – e deve ser seguido.

Paulo Herkenhoff
Curador Arte Pará

Museu do Estado do Pará



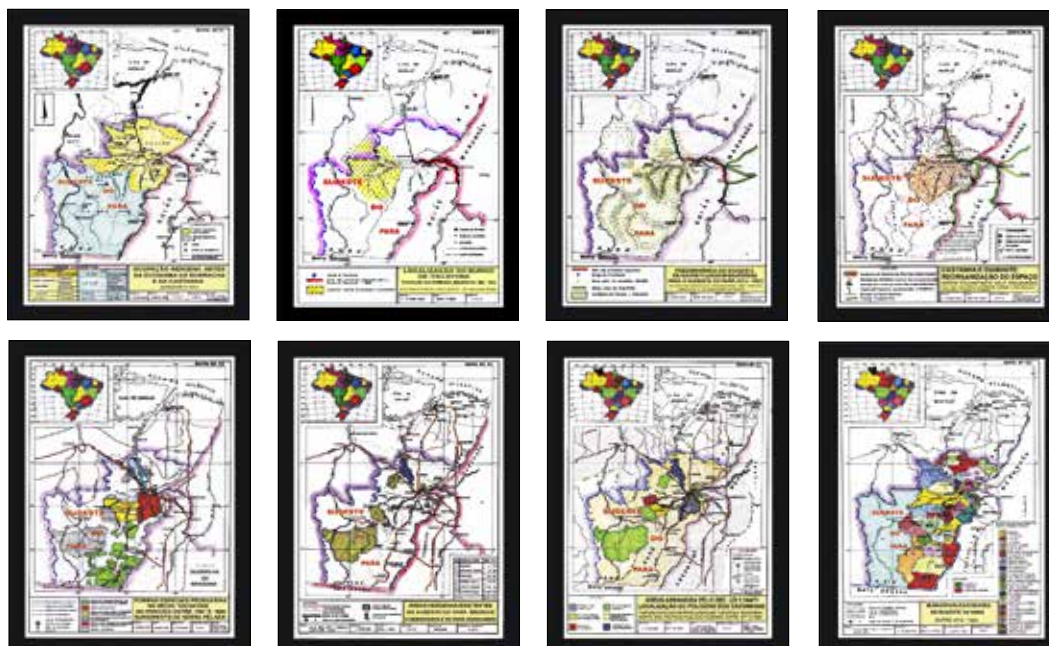


Sala Expositiva
António Parreiras

VITÓRIA BARROS

As temáticas ilustrativas resultam de um trabalho de pesquisa sobre o Sudeste do Pará e a região de Marabá, elaborado em 1992 pela própria artista, que à época exercia a função de desenhista cartográfica e de geógrafa em um órgão do Governo Federal. A delimitação da pesquisa foi até 1992, e compreende uma narrativa à luz da geografia, da antropologia e da ciência política, portanto, um estudo interdisciplinar. Os mapas foram elaborados de forma artesanal, com ferramentas hoje obsoletas sem as facilidades tecnológicas dos dias atuais, com exceção das imagens de satélite, já em uso na época.

O mapeamento evidencia, entre outras informações, as formas espaciais surgidas em função do desdobramento das políticas públicas para a Amazônia, como a Província Mineral de Carajás e o Lago de Tucuruí. Para essa instalação interessa o efeito visual das transformações do espaço. A mudança de suporte dos mapas, do formato de livro para a reprodução em lona e a repetição dos mesmos em uma segunda filera no sentido inverso da primeira, são dados indicadores da transmutação do trabalho de pesquisa para o campo libertário da imaginação, da livre apreciação, portanto, para o campo da arte.



Marabá-PA
Entre paralelos e meridianais
Desenho | 2013

EGON PACHECO
Artista Seleccionado



Santarém-PA
Sudário I, II e III (Mangueiras-PA)
Gravura | 2013

EGON PACHECO

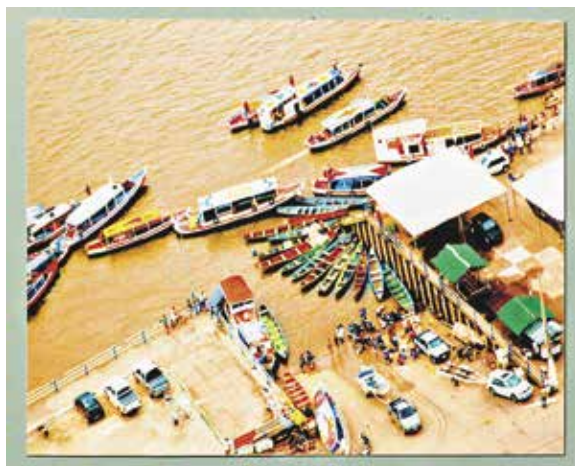
As obras são resultado de pesquisa iniciada em 2008/2009, tendo como objeto de pesquisa a madeira presente no espaço urbano da cidade de Santarém. Naqueles anos, a cidade iniciava um intenso processo de especulação imobiliária, que resultou na extinção de muitos quintais arborizados. A cidade também se expandiu gerando novos bairros e, consequentemente, a derrubada de muitas árvores; principalmente mangueiras. Nunca vi tantas árvores sendo derrubadas e queimadas como nos últimos tempos; um verdadeiro holocausto vegetal! Além disso, é comum ver os caminhões madeireiros levando toneladas de toras para fora – tudo isso é muito triste. Creio que a minha sensibilidade artística tenha sido ativada para dar uma resposta a tudo isso, pois, de alguma maneira a arte tem esse poder de impactar e provocar novas reações diante desses problemas – questões atuais

para as cidades, que precisam pensar um modelo de desenvolvimento que integre o homem e a natureza. As três obras apresentadas foram produzidas em uma praça pública de Santarém, onde três mangueiras centenárias foram derrubadas, devido ao risco de tombarem. O formato do tronco revela imagens semelhantes à silhueta de um útero e ao contorno de um coração, o que potencializa o resultado visual. Gosto de chamar esta modalidade de gravura urbana, prática que tenho empreendido até hoje. Produzir gravuras de grandes formatos em espaço livre é desafiador, pois as dificuldades são muitas (sol, poeira, vento, barulho, chuva e os questionamentos do público, que às vezes exige que o trabalho seja interrompido para dar explicações), mas o resultado visual é instigante e desestabiliza as “certezas” dos passantes.

REGINA SURIANI

As fotografias aéreas retratam a lenda da Buiúna, cobra-grande que mora no Rio Tocantins, em Marabá, no sudeste do Pará. Os barcos coloridos e o constante vaivém das embarcações nos rios da Amazônia naturalmente provocam o movimentos sinuosos da cobra-grande.

O fluxo das embarcações nos rios da Amazônia são registros instigantes por auxiliarem na compreensão do trânsito fluvio-marítimo na região, e por revelar indiretamente a dinâmica de vida do caboclo ribeirinho.



GABRIEL IVAN

O Projeto '2 por 4' totaliza oito obras divididas em dois blocos que, por sua vez, são compostos por quatro fotografias. O Projeto 2 por 4 correlaciona as cidades de Porto Velho e São Paulo através de construções arquitetônicas, símbolos de cada cidade. Traduz a relação

entre o berço e o mundo, partindo do pressuposto que Porto Velho é a cidade natal do artista e São Paulo a cidade na qual ele residiu por alguns anos, e tem por ela um enorme carinho e apreço. Duas narrativas com propostas sequenciais, tons e cores em um grafismo minimalista.



Porto Velho-RO
2 por 4 - Edifício Copam
2 por 4 - Galpão da Estrada de Ferro
Madeira Mamoré
Fotografia | 2013





ARY SOUZA

Ary Souza é de Belém, e nos convoca para experimentar, através de suas fotografias intituladas “Compasso”, um ritmo diferente, vivido nas pequenas cidades da Amazônia. O tempo vivido nesses lugares corre em um ritmo diferente, e que não se deixa levar pelo compasso do relógio. Os trapiches de Ponta de Pedras, na ilha do Marajó (são estruturas paralelas ao rio, feitas de passarelas e são locais de atracções das embarcações), nos revelam vidas que vêm e vão, sem contar o tempo. O passo que por vezes parece apressado, não precisa de hora para chegar. O levar e trazer mercadorias nos rios da Amazônia, o ir e vir

das pessoas, que se repete a cada manhã, não respeita uma regra, mas segue o compasso inconstante da vida real naquele lugar... O trapiche de Ary Sousa se repete a cada sequência, e testemunha ritmos de passos diferentes. Observamos crianças, jovens, idosos que revelam o homem do interior que atravessa para a “cidade grande” ou para o futuro. As fotos de Ary remetem à nossa memória de ser e viver na Amazônia, o constante contato entre o rio e a cidade. Dados indicam que o Brasil possui 300 mil crianças que vão para a escola usando barcos, sendo 180 mil só aqui, na Região Norte.

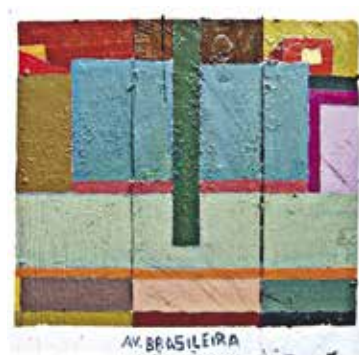
WENNEDY FILGUEIRA

O artista Wennedy (Rio Branco, Acre) constrói um jogo sobre a infância, período no qual a criança passa a interagir com objetos e brinquedos que auxiliam no desenvolvimento das suas capacidades criativa e imaginativa. Todo jogo da vida tem sua regra. Os saberes e os deveres ao longo da vida são colocados para equilibrar as atitudes e a formação do caráter que vai se constituindo a partir dos valores. Na pintura, quase fotografia, de Wennedy, é criado um jogo da arte no qual o artista organiza as regras. O jogo da vida e da arte também tem as suas regras. Essa brincadeira é composta por duas

duplas, dois rebatedores e dois aparadores. Para conseguir a vitória, é necessário, inicialmente, ser rebatedor. O objetivo é lançar a bola em direção ao objeto protegido pelos brincantes. E, para vencer, é necessário chegar a um determinado número de pontos. A pintura do artista faz uma analogia entre brincadeira simples e crescimento, em poder arremeter, reivindicar, proteger os valores humanos, proteger a identidade, afetos e sentimentos. O artista nos convoca para participar do jogo da arte e da vida com suas pinturas. Elas são de todos nós, e fazem parte da nossa memória de infância.



WARLEI RODRIGUES
Artista Selecionado



Belo Horizonte-MG
Rua do Senado
Av. Brasileira
Rua da Constituição
Pintura | 2013

WARLEY RODRIGUES

Desali Rodrigues pinta o que está ao seu redor: seus amigos, a casa em que morou, o ponto final do ônibus 4402, o bairro no qual passou sua infância, a escola onde estudou, os interiores de casas que frequentou e que ainda frequenta, as ruas por onde circulou e ainda circula, e por aí vai... São pinturas que estão no meio do caminho entre a brutalidade preconizada por Jean Dubuffet – para quem a recusa da tradição na arte era quase um imperativo para se ter acesso à verdadeira criação (daí a sua predileção pela arte dos loucos, dos autodidatas, dos outsiders e dos isolados culturalmente) – e uma busca

pela inserção nos circuitos mais tradicionais da arte, como museus e galerias. Nas pinturas de Desali, parte da recusa da tradição está no próprio uso dos materiais tradicionais, como a tela para pintar. O artista usa pequenos painéis de madeira, que são confeccionados por ele a partir de tábuas aproveitadas de caixas usadas para o transporte de frutas e legumes. O suporte não cessa de se evidenciar – a textura própria da madeira com seus veios e sinais da serra que a dividiu em perfis, como também não cessa de se evidenciar a superfície da pintura com sua textura áspera e incrustada de resíduos.

JANAÍNA MELLO

A artista Janaína Mello, de São Paulo, propõe para o Arte Pará o Site Specific: Ciclotrama, que é uma palavra inventada para se referir à representação de questões relativas às dinâmicas, aos trajetos e à passagem do tempo através da torção ou entrelaçamento de linhas, fios ou barbantes. A artista tem o propósito de narrar a relação dos indivíduos, de cada fio, que parte de seu próprio ponto e segue sua jornada como parte independente de um todo. A ação de ciclotramar gera um corpo feito de linhas, de acordo com cada proposta. Ao propor este trabalho para o Arte Pará, a artista pensou no evento que se funde com o Círio de Nossa Senhora de Nazaré e, a partir daí, aprofundou suas pesquisas a

respeito da corda, símbolo da procissão, que conecta os devotos à berlinda de Nossa Senhora de Nazaré. A corda do Círio tem 400 metros de comprimento, entre sete e oito centímetros de diâmetro. Comovida com essa simbologia, Janaína decidiu fazer o ciclotrama, a partir de uma corda real e trançada, e dela fazer surgir os indivíduos que a compõem. Dessa forma, com uma corda tão grossa quanto a utilizada na procissão do Círio de Nazaré, a artista fez num canto do espaço expositivo do Museu do Estado do Pará, entre duas paredes, o desmembramento dela, utilizando sete mil pregos, provocando assim a ação invertida de Ciclotramar.



São Paulo-SP
Ciclotrama 12 (corda)
Instalação | 2013

PAUL SETUBAL

As constelações são agrupamentos de estrelas ou, no sentido etimológico da palavra, refere-se a um determinado conjunto de estrelas (Órion, Taurus). Curioso é perceber que tais agrupamentos eram estabelecidos por alinhamentos estelares ou diagramas, propriedades oriundas do desenho. Esses desenhos remetiam a aspectos humanos, de seu cotidiano e imaginário. Logo, as constelações abrigam coisas do mundo, do real e do fantástico, e lá estão os deuses, signos e animais. As constelações no mundo antigo auxiliavam o homem no plantio, na navegação e na localização espacial. O procedimento de agregar imagens do mundo humano aos astros (constelações) enquanto guias da humanidade (espacial e cíclico) me interessa. É nesse sentido que desenvolvo o meu

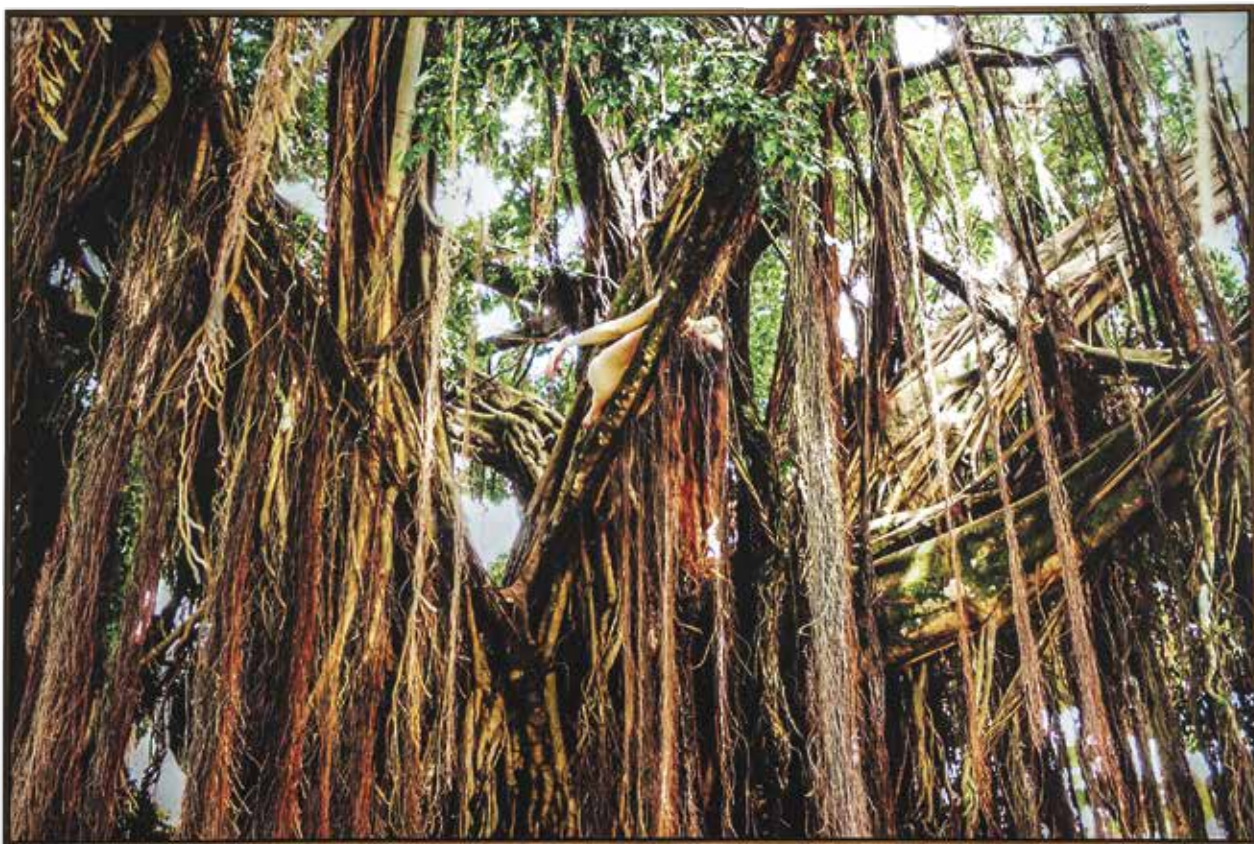
trabalho, produzo minhas próprias constelações com as coisas do mundo que me tocam. Há um forte pressuposto fenomenológico em minha produção – sou afetado por coisas, e estas desencadeiam minha produção visual. Talvez os desenhos em questão sejam constelações políticas do mundo contemporâneo, repletas de imagens do passado, tão presentes em nosso cotidiano, e imagens contemporâneas que indiquem um futuro de incertezas. Os desenhos contêm em si um pessimismo para com a humanidade (uma dica é buscar o pessimismo de Jacques Lacan). Os desenhos foram produzidos com o meu próprio sangue. Esse procedimento já é antigo em minha pesquisa. Minha produção tende a falar do homem, logo, trabalho com o sangue no sentido de pigmento natural do corpo.



LUCIANA MAGNO

Da experimentação simbiótica, orgânica, entre vegetação e corpo, as ações performáticas de “Orgânicos” buscam uma apropriação do espaço vegetal e da relação deste corpo que é composto em sua base por moléculas de carbono e hidrogênio, encontrado em toda constituição de qualquer matéria viva. A simbiose inicia na organicidade, no sentido que estes dois elementos, corpo e vegetação, são compostos

pela mesma matéria, organizada de maneiras distintas pela formação celular. Por estratégias afetivas natas ao corpo do cartógrafo performático, é possível a construção de uma outra geografia que se expande aos limites das geografias física e humana, uma geografia difusa, onde a vegetação aceita o corpo como uma estrutura de si, e do corpo nascem raízes capilares que comungam da invenção de um outro espaço/corpo.



Belém-PA
S/título
Performance orientada para Fotografia | 2012

Orgânicos
Performance orientada para Fotografia | 2013

Sala expositiva
Antônio Parreiras



Regina Euliani
Egon Pacheco
Vitória Barros





PAULO SAMPAIO
Artista Seleccionado
In memoriam
1923-2014



Marabá-PA
Soldado da borracha
Destruição
Destruição do acampamento
Ataque indígena
Instalação | 2013

PAULO SAMPAIO

O artista Paulo Sampaio, de Marabá, foi soldado da borracha, castanheiro e garimpeiro. Foi testemunho de todo o conflito que se desenvolveu na Amazônia por conta da exploração do ouro e da borracha e, principalmente, pela ocupação de terras. A convivência com a floresta o fez adquirir o espírito florestânico,

que se refere ao conhecimento de técnicas artesanais da floresta e o profundo respeito pelo ser vivo. Paulo Sampaio, através de suas pinturas cria uma narrativa que está impregnada em sua memória fortemente marcada por impactos e conflitos. Ele viu cenas de destruição da floresta, ataques indígenas, e muita cobiça por terras.





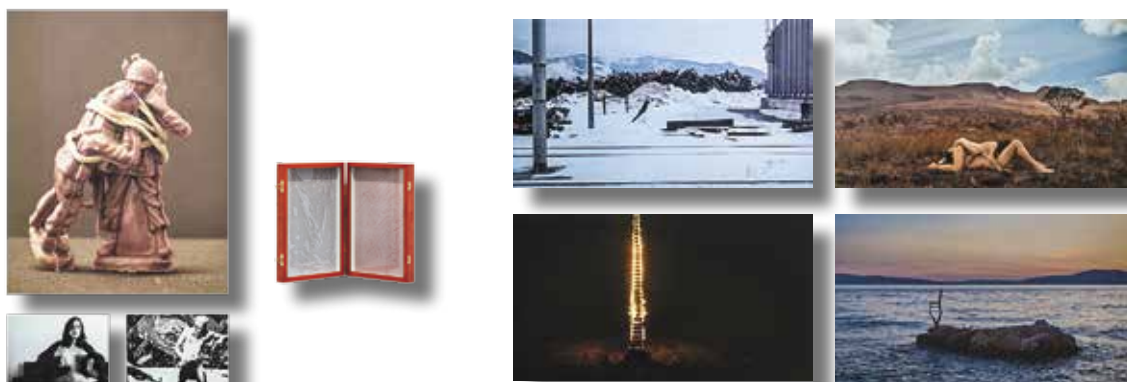
Sala Expositiva
Antônio Parreiras

RAQUEL VERSIEUX & VICENTE PESSOA

Conjunto de três obras, que são desdobramentos das pesquisas mais recentes da dupla. Partem do binário macho e fêmea para compor narrativas através de metáforas visuais, buscando a descoberta de um possível amor geométrico. Estojo Monjolo é uma composição impressa a jato de tinta sobre papel de

algodão. Uma mala aberta, presa a uma quina entre duas paredes, uma imagem de cada lado num díptico em dobradiça. Ali ficam expostas, ao mesmo tempo guardadas, prontas para uma viagem, as marcas da gravidez entre as coisas que se tocam, como no processo escultórico, a forma e a contra-forma.

RAQUEL VERSIEUX & VICENTE PESSÔA
Artistas Seleccionados



Rio de Janeiro-RJ
Estojo Monjolo
Parcimônia e Elegância
O Quarto Estado
Fotografia | 2013

LUCIANA MAGNO

Luciana Magno parte do corpo, da fricção deste com o ambiente para constituir suas obras visuais, imagens em que, por vezes, ensaiam uma simbiose com a natureza, em que seu corpo surge como que surpreendendo o espectador, em meio a raízes de planta, na paisagem. Orlando Maneschy nos diz que o corpo, matéria natureza. Unhas, raízes, folhas e cabelos. Ossos, cílios e gineceus. Sem poda, um corpo vai sendo fincado, que respira, mas também se alimenta

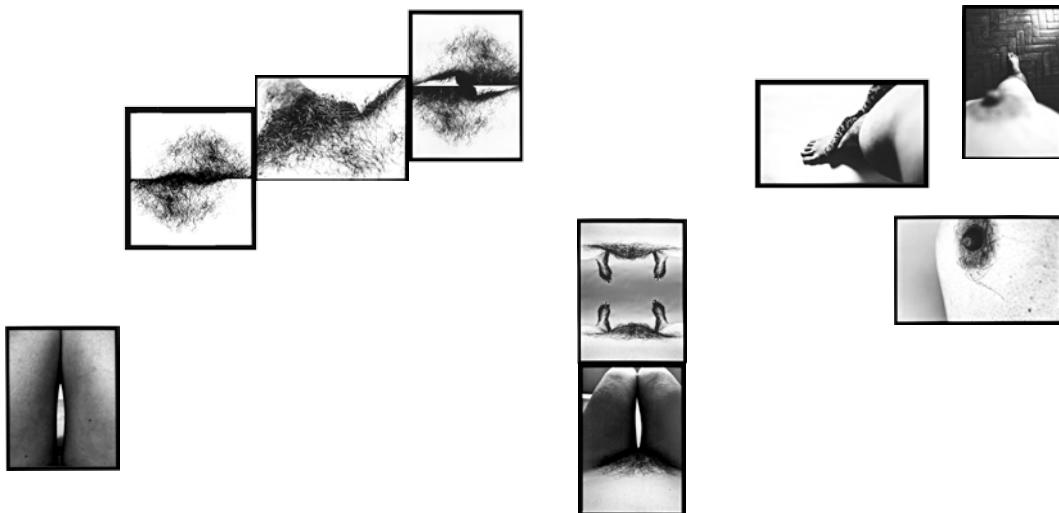
da luz, que bomba sangue e incha artérias, consome seiva, produz mel. Da terra que nós somos, vem o fruto que nos alimenta: na feira em que compramos fruta, ao lado do cemitério, é imediata a revelação de que somos carbono em constante mutação. Para o curador, a mesma Amazônia do marketing, endeusada e devastada: nosso corpo é ela, resistência. Nem diamante, nem grafite. Do carbono ancestral, minha matéria é a natureza.



JULIANA NOTARI

O projeto SORTERRO teve início com o registro periódico do processo de crescimento dos meus próprios pelos, que já não depilo desde janeiro deste ano. No decorrer do tempo, e à medida que os pelos crescem, novos significados e possibilidades estéticas têm surgido em fotografia, desenho, vídeo e performance. A lógica do espelhamento aparece em algumas fotografias do meu próprio corpo. Deste modo, busco uma exploração autorreflexiva do corpo (realizo as fotos sem tripé). O espelhamento da imagem também gera simetria, algo comumente associado a determinado ideal de beleza: para os padrões estéticos ocidentais uma pessoa é considerada bonita quanto mais simétricos forem o seu rosto e corpo. Utilizo o espelhamento como estratégia para potencializar a beleza dos pelos. Mesmo que esse

jogo de imagens já tenha sido utilizado inúmeras vezes por outros artistas ao longo da história da arte, mesmo assim arrisco usá-lo, mas a partir de minha própria perspectiva. Muitas questões atravessam esse trabalho, que se insere no debate acerca do humano e do “pós-humano”. No cerne dessa discussão encontram-se os processos de autodesconstrução/reconstrução que a transformação externa torna mais visível. O corpo e a construção do gênero feminino são postos em cheque em “SORTERRO”. São questionados certos padrões de beleza, nos quais os pelos não são admitidos. Os trabalhos, no entanto, abrem brechas para olhares ambíguos, uma vez que do informe do corpo piloso que se desformaliza, outro modo de perceber o corpo feminino ganha força.



Rio de Janeiro - RJ
Sorterrio capítulo 1, 2, 3
Fotografia | 2013

KAMMAL JOÃO
Artista Selecionado



Rio de Janeiro-RJ
O caminho que atravessa o caminhante-Série Azul
Encontros-Série Azul
O limiar do Inconsciente-Série Azul
Objeto | 2013

KAMMAL JOÃO

Os vasos sempre contiveram, segregaram e verteram o que é vital e sagrado. Coincidência ou não, os processos aos quais os objetos cerâmicos são submetidos podem ser comparados a aspectos próprios da vivência humana. A exemplo disso, o oleiro simbólico da alquimia é aquele indivíduo que possui a capacidade de criativamente unir elementos opostos de personalidade, o que é delineado e o que é fluido, o molhado e o

seco, e moderá-los num forno de processo interior. São muitas as interpretações simbólicas que os processos em torno da cerâmica podem suscitar. No entanto, o que é mais relevante para o entendimento desse trabalho é a semelhança com a jornada do herói mitológico, que passa por um processo de morte e renascimento para o mundo, que pode ser entendido como ventre de baleia ou, nesse caso, o forno.

MELISSA BARBERY

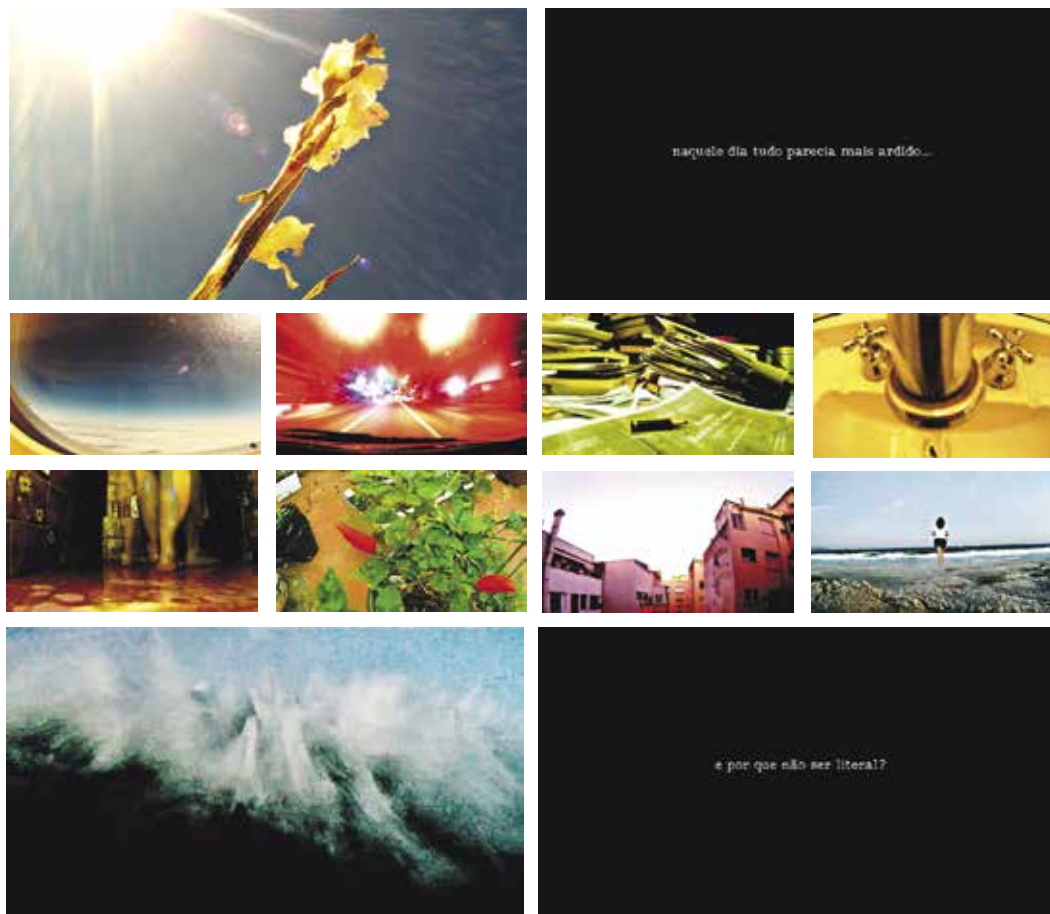
Novela é um trabalho de vídeo composto por imagens do meu acervo pessoal, que foram editadas em uma narrativa autorreferencial e possivelmente autobiográfica.

Usando uma única câmera, o primeiro capítulo desta narrativa – que em seu título faz referências ao gênero literário – mistura imagens produzidas em situações caseiras a outras originadas em experimentações visuais realizadas em diversos períodos.

Nos fragmentos em que a história se utiliza de vozes, estas foram emprestadas por um recurso eletrônico capturado pelo uso do aplicativo online – Google

Translate – que além de fazer as traduções em textos também produz o som das palavras, podendo aqui constituir uma fala não de “alguém”, mas alguma “coisa”.

O Conteúdo textual aponta não apenas para referências pessoais, mas também para alguns trechos das leituras de pensadores deste e de outros tempos. Tais pronunciamentos não constituem um período contínuo, e mais como uma espécie de pensamentos onipresentes na “história”, em uma concepção estética cedida do cinema mudo. Estes aparecem em cartelas de textos inseridas entre as cenas.







Sala Expositiva
Antônio Parreiras

ALBERTO BITAR

Breve Vazio é um trabalho integrante da série Sobre o Vazio, que propõe uma reflexão sobre o tempo, a dispersão da memória e o grau de pessoalidade intrínseca a todo e qualquer ambiente. No início, a série tinha por objetivo a produção de dois audiovisuais experimentais, com duração de aproximadamente

cinco minutos cada. Eles têm em sua base fotografias fixas/estáticas e usam títulos de Todo o Vazio – que traz imagens do apartamento em que o artista passou mais de 25 anos de sua vida, e Qualquer Vazio – com imagens de quartos de hotéis recém-abandonados por seus hóspedes.



Belém-PA
Breve vazio, da série sobre vazio
Fotografia | 2013

DIRNEY PRATES

A série “verdes complementares” parte da apropriação de fotografias publicadas em jornais diários, onde quase sempre a imagem primeira evidencia a notícia. Nestes trabalhos, porém, o foco é dirigido às paisagens encontradas num segundo ou terceiro plano destas imagens. São espaços bucólicos, cenas campestres e delicadas que se desprendem da narrativa que as originou. No projeto, foram selecionadas do jornal reportagens de choques, que de certa forma remetessem a acidentes ou a ações envolvendo alguma forma de violência física. Cada fotografia resultante da apropriação recebe em seu título o mesmo título

dado à notícia apropriada, criando um lapso entre o que apresentado e o que é mencionado. A série estabelece um jogo poético a partir das teorias das cores complementares, onde o vermelho, associado ao desastre e violência, cria contrapontos aos fragmentos de verdes campos que complementam a paisagem. A ampliação de um pequeno pedaço de jornal e, conseqüentemente, o grão do papel, conferem uma nitidez apenas parcial às cenas. Estas se revelam não com a proximidade, mas com a distância, remetendo o espectador tanto da matéria quanto diante da figura, à tradição da pintura.



Porto Alegre-RS
Após 23h, corpo é localizado em arroio
Pai e filho morrem em acidente em V.F.
Fotografia | 2013

DIRCEU MAUÉS

“Extremo Horizonte” é uma série de fotografias panorâmicas do espaço urbano, tomadas com câmeras artesanais pinhole. A câmera faz uma varredura do horizonte, sob o controle da imprecisão e da intuição contidos nos movimentos das mãos do fotógrafo, que gira filme e move a câmera ao mesmo tempo – ora em sincronia, ora em dessincronia – enquanto a imagem penetra pelo pequeno orifício para ir sensibilizando o filme no interior do dispositivo precário.

Texturas, sombras e cores surgem em uma imagem quase sem fim, tão extensa quanto se queira, até o limite da extensão do filme. Uma cidade outra: paisagem que não é

mais paisagem como recorte – é somente horizonte, vasto horizonte (quase) sem fim. Essa cidade é inventada por um artifício, por uma subversão do dispositivo fotográfico, através de operações táticas de uso desse dispositivo, o qual prescinde de muitos controles e tecnologias mais atuais, normalmente presentes em uma câmera industrial. Mas, ao mesmo tempo, na fase final de produção da imagem, as tecnologias mais emergentes dos softwares e escâneres se agregam e são necessárias para dar suporte à materialização dessa imagem. Tecnologias se somam: novamente os conceitos high-tech e low-tech se ligam para a produção e invenção de outra paisagem.



KARINA ZEN

Paulo Braga nos diz que a paisagem de mundos que existem em paralelo, mundos criados por corpos diferentes e que chamamos, no singular, de mundo, como se fosse único, intriga Karina Zen, que adota na fotografia e no vídeo esses supostos registros mecânicos do real, para investigar a simultaneidade de mundos.

O real volta a ser o material de que é feito o mundo antes de ser moldado por um entendimento específico e singular, reorganizando quantas outras cenas, que são

geradas dependendo de quantos estiverem a organizar para aplicar os conceitos de real.

Essa proposição, dentre tantas outras, vai criar os personagens vegetais da série de fotografias Dona Morelli, família Pereira e dona Jandira, que seriam somente fotografias de plantas, se não recebessem como título, o nome da pessoa que a cultiva. O sujeito passa a ser representado por sua planta, onde valores comuns a uma sociedade específica influenciam diretamente.



KEYLA SOBRAL

Nós nos relacionamos com pessoas, plantas, animais e também com objetos e lugares que despertam sentimentos diversos entre eles, saudades, cuidado, afeto, que vão formando camadas de significados. Foi com esse propósito que a artista Keyla Sobral construiu seu trabalho, que mede 48 cm de largura x 45 de altura x 44 de profundidade. A pequena casa de Keyla é de cedro, está sempre aberta e exposta, convidando-nos para entrar e ver todos os detalhes. A casa fica exposta na parede, e perto dela está um neon representando um chamado de alerta que insiste em lembrar: “JÁ FOMOS FELIZES JUNTOS”. O neon que ilumina a casa opera como um farol que aponta para um sentimento já vivido, de felicidade plena. E agora, o que restou? Apenas o

alerta do neon de que houve momentos felizes, mas que segue solitário como a única coisa que restou: a saudade! A pequena grande casa da artista é um convite para entrarmos na dimensão dos afetos, dos laços que constroem a vida. A escolha dos materiais e das técnicas de criação que Keyla experimenta acentua uma vontade de que a casa dure por muito tempo. O cedro é uma das madeiras mais conhecidas, mas pouca gente já viu a árvore em si. O cedro serviu de suporte para uma das primeiras manifestações artísticas brasileiras: o Barroco Guarani. O neon é usado em sinalizações com fins publicitários, e a artista é publicitária, e acentua no seu trabalho esse propósito: quer propagar que ali aconteceu um pulsante sentimento de amor e felicidade.





Florianópolis-SC
E.N.&L.I.
Projeção intercalada | 2013



KARINA ZEN

As fotos que utilizei para a projeção em E.N. & L.I foram feitas em Brusque/SC, nos anos 1950. Encontrei-as em um álbum virtual. Reconheci a paisagem, pois frequentava este lugar nos anos 1980, onde o mesmo coqueiro curvo ainda pendia sobre o lago.

Quando realizei este trabalho tive a sensação de poder comprimir o tempo: anos 1950, 1980, 2013, todos em uma só imagem, o que me levou a pensar em planos distintos que ocupam o mesmo espaço.

A projeção justaposta e alternada me remete ao momento em que a inspiração encontra a expiração, o lugar onde pode acontecer o encontro. Naquela brecha onde o

cheio e o vazio suscitam, ao mesmo tempo, construção e dissolução, vida e morte se unem com a chance de encontrar o que é imutável, permanente, eterno.

A questão do gênero entra neste trabalho como metáfora, assim como cada inspiração vem seguida de uma expiração, e somente na existência de ambas é possível a vida. Masculino e feminino aqui representam os opostos, que somados promovem o inteiro e, neste instante, quando existe a possibilidade desta fusão, penso em plenitude. É ali que o indivíduo assume outra conotação; ele deixa de ser físico para assumir a unidade divina. É onde o bem e o mal deixam de existir.







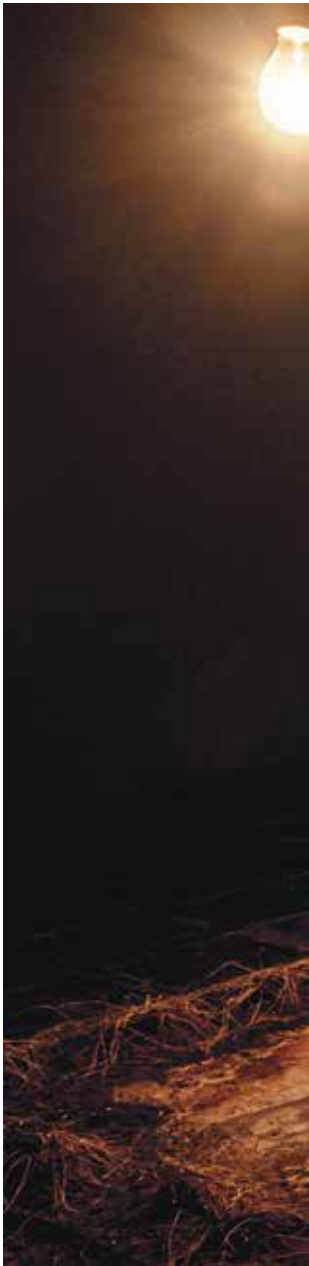
Costa Rica-CR
S/título
Intervenção pictórica | 2013

FEDERICO HERRERO

Durante a última década, o artista costa-riquenho Federico Herrero emergiu como uma das figuras mais importantes no campo da arte visual na América Central. Normalmente a trabalhar no meio da pintura, a sua prática artística é extremamente influenciada pela política, tradições culturais e pelo esplendor natural do seu país de origem. Herrero traduz a mistura

de cores, fôrmas e formas das ruas de San José, e da paisagem tropical abundante que cercam a cidade, para paredes de galerias ou telas. Suas obras são mais bem descritas como um jogo vivo e intenso entre as formas geométricas e orgânicas, a partir do qual ele cria narrativas não representacionais, que são pegadas na lacuna entre a figuração e a abstração.

ALEXANDRE SEQUEIRA
Artista Homenageado







Belém-PA
 Trabalho realizado em parceria com
 Jefferson Oliveira
 Taynara Wanzeler
 Meu mundo Teu, 2007
 Fotografia

Meu mundo Teu | 2007

Trabalho realizado em parceria com Jefferson Oliveira e Tayana Wanzeler

A fotografia na obra de Sequeira é uma potente ferramenta de desvendamento e aproximação do Outro. Em “Meu Mundo Teu” o artista promoveu o conhecimento de dois adolescentes por meio de cartas e fotografias, nas quais ambos descrevem em detalhes seus universos simbólicos pessoais. Sequeira atua como um mediador, e com extrema sensibilidade leva cada um dos adolescentes, e ele próprio, a mergulhar numa jornada de autoconhecimento por um

jogo de contrastes entre culturas e realidades diferentes. Por meio do processo fotográfico artesanal materializa-se a metáfora do encontro de dois seres, dois mundos, potencializando a afetividade e a riqueza que a amizade propicia.

Eder Chiodetto

Texto escrito para a exposição Geração 00 – A Nova Fotografia Brasileira. São Paulo, 2011.



Sala Expositiva
Manoel Pastana

Entre Lapinha da Serra e o Mata Capim | 2009-2010

Trabalho realizado em parceria com Rafael Oliveira e Seu Juquinha

Trabalho desenvolvido no interior do estado de Minas Gerais, de janeiro de 2009 a junho de 2010, a partir do encontro entre Alexandre Sequeira, um menino e seu avô – os dois últimos moradores da localidade de Lapinha da Serra.

As relações que se estabelecem a partir do convívio e encontro entre os olhares e interpretações de mundo de Alexandre, Rafael, de 13 anos, e Seu Juquinha, de 84, tecem laços que os aproximam enquanto permanentes

construtores de sonhos, fantasias e desejos. A fotografia, que por muitas vezes anima esse convívio, é tratada tanto como instrumento de construção de uma etnologia da saudade, por seu inegável valor documental, quanto por seu potencial emancipador, dada a perda de sentido de realidade que suas possibilidades interpretativas suscitam.

Texto escrito para a exposição Segue-se ver o que quisesse.

Belo Horizonte, 2012.





Belém-PA
Trabalho realizado em parceria com Rafael Oliveira e Seu Juquinha
Lapinha da Serra o Mata Capim | 2009-2010
Fotografia



Belém-PA
Adriane, da série Nazaré do Mocajuba, 2004.
Fotografia

Nazaré do Mocajuba | 2004-2005

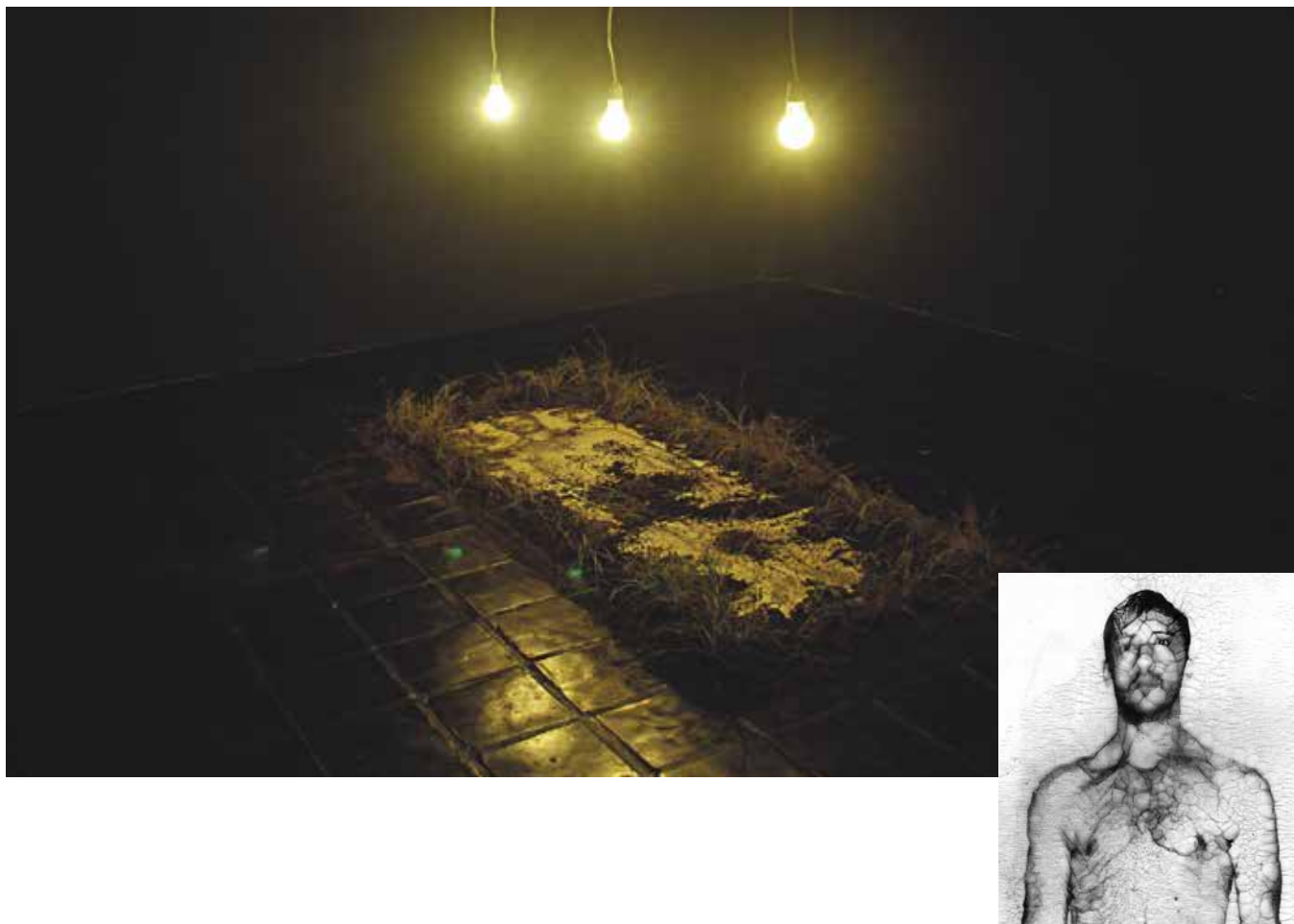
Trabalho realizado em parceria com os moradores de Nazaré do Mocajuba

Alexandre Sequeira foi a Nazaré do Mocajuba para registrar a paisagem. Jamais fotografados, os moradores pediram para serem registrados. Sequeira propôs um escambo ao lugarejo onde o dinheiro quase não circula. Em troca de uma peça usada da casa, daria uma nova. Em cada lençol, rede, mosquiteiro recebido, imprimiu o retrato do dono. Depois, montou uma exposição ao

ar livre, às margens do rio Mocajuba. Os indivíduos precisam, como Narciso, segundo Lacan, de sua imagem – um reflexo na água, um espelho ou uma fotografia – para formarem a imagem unitária de si mesmos.

Paulo Herkenhoff

Texto escrito para o catálogo do XXVII Arte Pará.



Belém-PA
Apenas uma questão de tempo, 2008.
Gravura em papel de arroz

Apenas uma questão de tempo | 2008

O corpo-imagem estirado no chão frio da galeria anuncia a despedida de si mesmo. De suas entranhas, a transmutação constante. Quem poderá estancar o fluxo poderoso da vida? Diante de nós, o desmoronar silencioso que tanto apavora. Shiva, o destruidor. Finar-se a cada instante, envelhecer, craquelar-se. A eternidade posta em cheque na fragilidade da matéria que se esvai. A ruína da carne. Apenas uma questão de tempo, murmura a aparência do corpo.

A decomposição do papel de arroz – onde a juventude está impregnada – anuncia a passagem para

outro plano de existência: a perenidade conclamada no *punctum* primordial da imagem. O pungir necessário à permanência de significado que acompanha toda a trajetória poética da humanidade. A individualidade assimilada pela sensibilidade do outro. A coletivização do ser. Cabe a cada um de nós devorar este corpo-imagem para que ele sobreviva. Cabe a nós metabolizar o brotar dos grãos de arroz, que negam a inexorabilidade do fim.

Armando Queiroz



Belém-PA
 Cerco à memória, 2008
 Instalação fotográfica | 2013
 Som: Fábio Cavalcante



Cerco à memória | 2008

O fim de uma viagem é apenas o começo doutra.
José Saramago

Afinado com as palavras de Saramago, Alexandre Sequeira segue sempre em viagem, sem medir distâncias. O prazer do caminho está na cidade por conhecer, no retorno ao lugar, nas relações afetivas que estabelece com as pessoas. Cenas, imagens e histórias vão se constituindo e sendo compartilhadas. Foi o caso de Mocajuba e de Lapinha da Serra. A força do encontro situa-se no fio da memória, nas experiências vividas, no prolongamento do terno abraço que reafirma a estima ao corpo do outro. Em 2008, sucessivas viagens o conduziram às comunidades quilombolas, aos assentamentos de pequenos agricultores. Desta vez, a inquietude rondava o ambiente e o colocava em meio às tensões, às ameaças muitas vezes silenciosas.

Memória e relatos trouxeram de volta as ações noturnas de apagamento, a cortante crueldade de eliminar as lembranças, retirar os vestígios dos mortos, dos antepassados, da simbólica resistência que pairava sobre a terra. O artista não deixa passar impune o que escuta e vê. Com sua imagem, nos coloca no centro do fogo, nos insere na situação de risco, nos faz pensar sobre os cemitérios que foram e são incendiados na ilusão de exterminar laços de parentesco, de afeto.

O cerco à memória deixa as marcas do túmulo violado, mas não consegue retirar a trágica cicatriz que permanece no corpo vivo que narra a sua história.

Marisa Mokarzel





Sala Expositiva
Sala das Artes

VICTOR DE LA ROQUE
Artista Seleccionado



Belém-PA
Linha
Performance | 2013

Não fosse isso e era menos, não fosse tanto e era quase.
Fotografia | 2013

VICTOR DE LA ROCQUE

O artista reúne através de uma negociação financeira, o corpo de 3 a 10 pessoas vivas, todas maiores de 18 anos (ambos os sexos). Um contrato é redigido em que as cláusulas expõem a necessidade de utilização dos corpos dessas pessoas como “suporte” para uma linhatatuagem, além de informações referentes à forma de exibição, direito de imagem e demais negociações estabelecidas e descritas, respaldando tanto as pessoas quanto o próprio artista através de forma legal e vigente em nosso país. Acertadas as pessoas, contratos assinados e pagamentos realizados, em um determinado dia todos os participantes serão levados a um estúdio de tatuagem. Chegando ao estúdio, o artista desenhará

uma linha horizontal nas costas (sobre a epiderme) dos participantes, de forma unificada, numa espécie de esboço. A linha horizontal servirá de base para finalmente o tatuador fazer sua intervenção no corpo dessas pessoas, cobrindo este esboço de linha sobre a pele com a tatuagem permanente. Todo o processo é registrado em audiovisual e fotografias. Resultado: quando todos os participantes estiverem reunidos organizados um ao lado do outro, uma linha horizontal que percorre de maneira homogênea suas costas se formará, transformando-se numa única linha que perpassa todos esses corpos, e, separados, cada participante carrega em si uma linha individual.

MARINA BOAVENTURA

A obra *Assédio Moral* compõe-se de uma performance em que a artista realizou com o vestido que ela costurou, pintou e bordou durante dois anos em que esteve doente, recuperando-se de uma grave intoxicação no ambiente de trabalho, quando passou por situações de assédio moral no trabalho e foi submetida, dentre outras

imposições, a trabalhar em uma sala insalubre. Com o vestido, a artista percorreu a cidade de Belém, em lugares como o Ver-o-Peso, jardim Botânico e a Orla de Icoaraci, onde tomou banho. Após o percurso, retornou ao Museu do Estado do Pará, despiu-se e dependurou o vestido no espaço expositivo.



Eu passei por situações de assédio moral no trabalho e fui submetida, dentro, outras situações, a trabalhar em uma sala insalubre. Por esta razão, fui optada por uma intoxicação grave, tóxica e silenciosa.

Enquanto estava doente eu não podia mais trabalhar, eu tinha liberação remota da minha agnoscia para tecido. Então eu comecei a fazer um vestido em que eu desenhava, escrevia, pintei e bordei o que eu estava vivendo naquela época. Eu costurei por vezes mais de 24h, lentamente, este vestido "kistreh", mas totalmente pelo da repudiante situação que eu vivi. Independente se o arte eu não, eu pintei trabalhos de tecido em um processo implícito de reconstrução do eu.

Após este período difícil, pretendo sublimar tanta implicação com o aperfeiçoamento humano e artístico.



SOLON RIBEIRO
Artista Selecionado



Fortaleza-CE
Pro je Ação 1
Performance direcionada para fotografia | 2013

SOLON RIBEIRO

Solon Ribeiro, artista cearense com formação na Escola de Arte Decorativa de Paris, tem seus trabalhos voltados para a imagem fotográfica. Como em muitos artistas contemporâneos, há em sua obra uma problematização que leva em conta o fenômeno contemporâneo da saturação de imagens. Para Solon, a imagem é um mistério, razão pela qual precisamos ressuscitar seus aspectos mágicos e metafísicos. Nos anos 1990, ele herdou de seu pai uma imensa coleção de mais de trinta mil fotogramas de filmes, iniciada nos anos de 1950 por seu avô, Ubaldo Uberaba Solon, dono de uma sala de cinema no interior do Ceará. Esses

fotogramas, que em geral mostram os atores principais dos filmes, foram cuidadosamente guardados em álbuns feitos para esse fim, contento o nome e o ano da produção. O conceito das ações de Solon Ribeiro constitui-se a partir da utilização da paisagem urbana, para se pensar um cenário que seja resultado da ação da projeção dos fotogramas. O encontro do cinema com a arquitetura traz a possibilidade de um olhar distinto, e outro ritmo para a paisagem da cidade. O desejo de experimentar tem levado Solon Ribeiro a procurar maneiras de desconstruir o discurso cinematográfico, seja na narrativa, na continuidade ou na exibição.



(Bia Medeiros: coordenadora)
Brasília-DF
Quem vai saber o que está na alma do artista
Videoarte | 2013
Edição: Márcio H. Mota



(Bia Medeiros: coordenadora)
Brasília-DF
Reboque
Videarte | 2013
Edição: Márcio H. Mota



CORPOS INFORMÁTICOS

MAR(IA-SEM-VER)GONHA, composição urbana de 130 metros de comprimento, que só pode ser vista de helicóptero ou de avião ou, ainda, desde 150 balões de festa de criança. Ela tem vergonha? Esconde-se. O vídeo oscila entre matéria feita por televisão, comercial e vídeo filmado por câmera suspensa, dentro de mini-Kombi levantada por 150 balões vermelhos de festa de criança,

tudo entremeado de outras fuleragens (sic) realizadas pelo Corpos Informáticos. A Kombi mixuruca criou asas e voou, criou pernas e andou, perdeu seu teto, seu tato, virou tapete, tablado, telhado, teclado. O vídeo realizado pelo Corpos Informáticos contou com a participação de diversos passantes, errantes, iteradores: são corpos expandidos passeando de Kombi pelas ruas de Brasília.

THIAGO MARTINS DE MELO
Artista Convidado



São Luis-MA
O Ciclo do Cão 1
Pintura | 2013

THIAGO MARTINS DE MELO

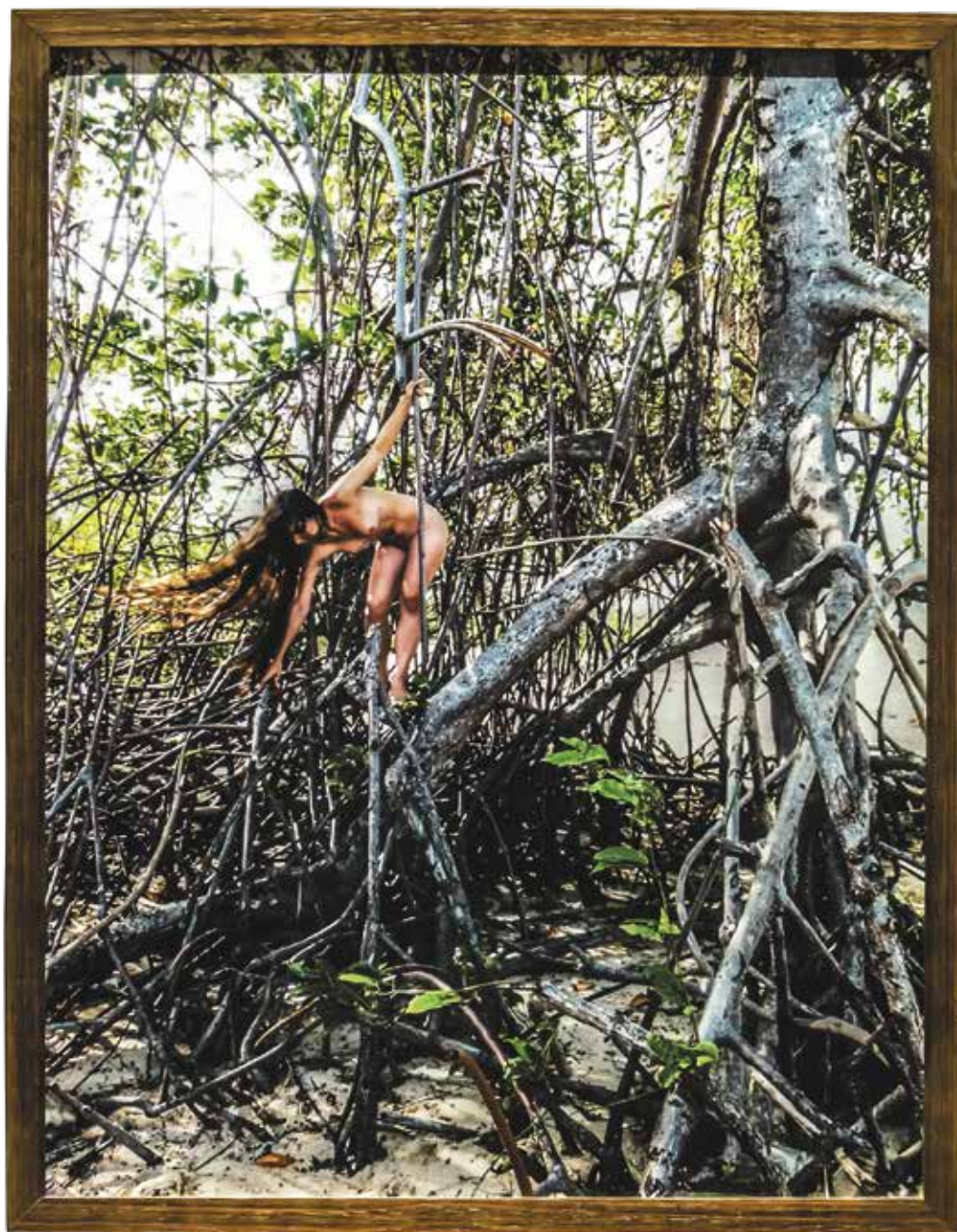
Toda a minha produção diz respeito às coisas pelas quais estou vivendo no momento de produção. A pintura é uma arena na qual posso me aprofundar em questões impostas a mim pelo mundo, utilizando-me do canal aberto pelo signo. O mergulho no signo, ao mesmo tempo que pode ser revelador, por acessar recônditos de sua memória – estabelecendo relações epistemológicas para a construção de um entendimento do mundo, dando condições de abandonar valores caducos, construídos artificialmente, e vivendo uma experiência liberadora –, pode também te levar para o fundo do poço. Nesse processo, muita gente, artistas, por exemplo, se perdem em algum limiar de consciência, migrando entre fronteiras de desejo e razão, e experienciam seus próprios demônios em vida, acarretando em uma existência miserável. Eu tenho

consciência (até mesmo por formação) desses riscos pra minha saúde mental, mas não existe outro caminho na arte que não este. Ficar na superfície é covardia, e não é opção para o artista. Eu tenho uma concepção psicofisiológica de homem que, ao invés de me limitar, permite-me compreender aquilo que chamamos de imaterial ou invisível como experiências colaterais de processos neurológicos selecionados evolutivamente. A espiritualidade, a epifania, alucinações, o êxtase são experiências mentais incríveis, de base fisiológica, que nos permitem um patamar de compreensão de nós mesmos e do cosmos, e que podem ser acessadas de maneira limitada através do signo e através da arte. Acredito que esse processo natural selecionado evolutivamente, tem nos mantido longe do suicídio precoce. A arte tem nos mantido vivos!

LUCIANA MAGNO

Na mesma linha da simbiose orgânica sobre corpo e raízes, a artista faz as suas ações performáticas voltadas para a fotografia. A materialidade imprime a marca

entre esses dois elementos – o corpo e a vegetação – entranhados no meio ambiente inteiro, na interface com a performance que constrói uma geografia expandida.



Belém-PA
Simbioses sobre raízes aéreas
Fotografia | 2013

Casa das Onze Janelas

Sala Gratuliano Bibas





Belém-PA
É claro que amanhã fará um dia bonito
Instalação | 2013



DANIELLE FONSECA

É claro que amanhã fará um dia bonito (Yes of course it's fine tomorrow). A frase cheia de esperanças que inicia o livro *To the lighthouse* de Virginia Woolf, talvez compactue com a ideia de que todas estas fotografias que aqui apresento são fruto de uma estratégia, um acontecimento, uma esperança orquestrada por mim, com o único propósito de criar uma imagem ou uma palavra. A caixa-de-correspondências aqui apresentada foi construída em 2007, em resposta a um questionamento da Senhora Ramsay, personagem central do livro “como poderia alguém gostar de ficar trancado um mês inteiro, num rochedo perdido no meio do mar – e ainda mais se

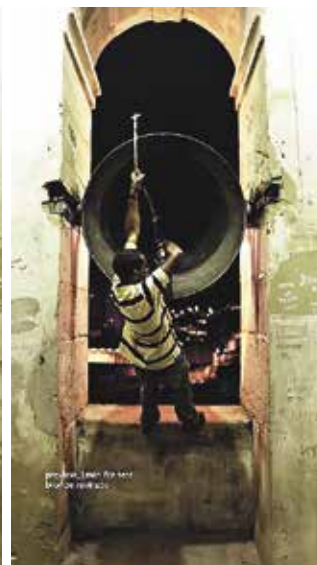
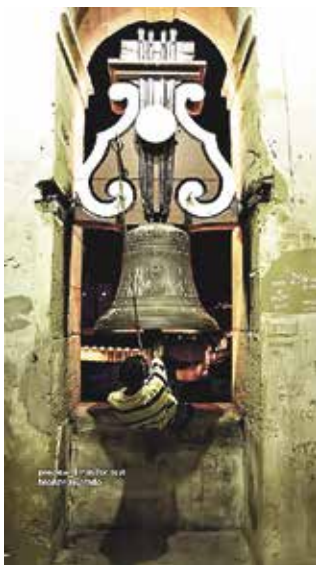
o tempo estivesse ruim? Perguntou-se ela. Não receber cartas ou jornais, não ver ninguém”. O objeto idealizado é a resposta a Ms. Ramsay, mas também é meio de dúvidas e hipóteses, não só ao expectador comum, sobretudo a mim, observadora. – É claro que amanhã fará um dia bonito – disse a Sra. Ramsay. – Mas vocês terão que madrugar – acrescentou. Essas palavras trouxeram uma extraordinária alegria a seu filho, como se a excursão já estivesse definitivamente marcada. Após a escuridão de uma noite e a travessia de um dia, o desejo – por tantos anos aspirados – era agora tangível. Escreva uma carta, leve um envelope, seja o carteiro do faroleiro.

Museu de Arte Sacra

Galeria Fidanza







Minas Gerais-BH
 Bronze revirado
 Videoarte | 2013

PABLO LOBATO

A obra registra os bastidores da execução de um toque de sino festivo em uma igreja de São João Del Rey, em Minas Gerais. Pablo Lobato, mineiro de origem, fez um recorte específico da tradição religiosa da região, mas poderia tê-lo feito de diversas maneiras – a história por trás dos jovens tocadores de sino poderia ter sido explorada, os acidentes envolvidos no processo, o significado e a importância da tradição e o risco que eles

estão constantemente correndo ao tocarem o sino. Mas, mesmo sem explicitar essas histórias para o espectador, simplesmente colocando uma câmera para captar a ação e disponibilizando as imagens captadas, possibilita, a partir de seu acesso, que o espectador vivencie a experiência de modo mais intenso, podendo passar pela sua cabeça muitas dessas dúvidas e questões intrigantes que são intrínsecas ao momento registrado e sua carga sensível.

Museu Paraense Emílio Goeldi

Sala das Artes





OTONI MESQUITA
Artista Convidado



Manaus-AM
Achados do El Dorado
Gravura | 2013

POR QUE A ARTE NUM MUSEU DE CIÊNCIAS?

O Museu Goeldi é um museu de ciências, ou seja, suas atividades são pautadas pela pesquisa científica. Mas todo mês de outubro abrimos as portas para o Arte Pará, a mais importante mostra de arte contemporânea da região amazônica, que vem ocorrendo em Belém há mais de três décadas, e aqui no Museu Goeldi desde 2007. Tem sido a filosofia dos curadores do evento nos últimos cinco anos que aqui há a oportunidade para um diálogo entre ciência e arte, feito através da seleção de obras que expressem a visão do artista sobre os assuntos de que tratam os cientistas do Museu: a natureza e as culturas da Amazônia.

Tanto a ciência como a arte são atividades que, entre todos os seres vivos, só a espécie humana sente a necessidade de exercer. Através da ciência, procuramos entender o universo à nossa volta, arrastados por nossa infinita curiosidade, quando já não nos bastam as explicações repassadas pela tradição. Por meio da arte, damos corpo e forma os nossos sonhos, impressões, emoções e sentimentos, extremados ou atenuados, à flor da pele ou no recôndito da alma, e os compartilhamos

com nossos semelhantes. Portanto, são duas práticas profundamente humanas que, mesmo num mundo cada vez mais segmentado e compartimentalizado em especialidades, deveriam encontrar espaço igualmente privilegiado em nossa existência.

Este ano, o Museu Goeldi já havia proposto um encontro entre ciência e arte, com a atual exposição “Visões: a Arte Rupestre de Monte Alegre”, que vem a complementar o próprio Arte Pará, e que se destaca pela acessibilidade a pessoas com deficiência visual através de recursos táteis. Mas o Arte Pará 2013 vai mais longe: o artista convidado Otoni Mesquita disponibiliza algumas de suas próprias obras ao toque dos visitantes cegos. Assim, o Arte Pará estende a todos a oportunidade de usufruir da experiência museal, permitindo apreciar os sonhos materializados de Otoni, de modo que sejam desfrutados com emoção e inspiração.

Horácio Higuchi
Coordenador de Museologia



dos do El Dorado
Clima: Marítimo



OTONI MESQUITA

No princípio, o foco era apenas a busca de uma cor. Mas isso não é tão simples assim como possa parecer. Segui como os navegantes aventureiros, enfrentando quimeras e o desconhecido. Quase cego pelo desejo, avancei armado com lâminas e outras ferramentas de marcar, tingir e pintar. Assim como aqueles homens que buscavam riqueza, atravessei longas distâncias no tempo e no espaço. Investi em viagens incertas, marcadas por tormentas e calmarias, tendo como bússola apenas o brilho vago e incerto de sedutores dourados que só existiam em minha cabeça.

Encantado pelo brilho fácil das chapas de cobre e de latão, desenhei pequenas imagens, com a ponta seca e o ácido. Fincava naquele pequeno território retangular a minha bandeira, mas isso era somente o princípio. Precisava definir e gravar cada área como quem constrói uma cidade a partir de marcações predefinidas por uma matriz orientadora. Apelei para diferentes tintas e variados papéis, mas nada parecia atender à inabalável procura. A busca persistia me empurrando para colagens e relevos sobre o próprio papel reciclado e resina acrílica. Assim como os desbravadores desenvolveram novas práticas

perante outras realidades encontradas, tive que escapar de algumas convenções técnicas, mas continuava seduzido pelas imagens criadas e repetidas, ainda que materializadas como objetos.

Mesmo sem mapas e sem rotas, reconheci grande parte do território que carregava comigo, construído ao sabor incerto das fantasias e das histórias não totalmente fictícias. Voltei à velha trilha gasta pelos meus próprios passos e sonhos. Era como explorar a parte de baixo do meu *iceberg*. Nessa parte, nem sempre obscura, não há outra maneira de caminhar que não seja pela própria intuição. Assim, segui por um tempo, como um naturalista deslumbrado, que vai coletando quase tudo que encontra no caminho, e compulsivamente monta coleções de um mundo em risco. Na tentativa de mostrar o valor dessas pequenas coisas me tornei um Midas, dourando muitas coisas que encontrava no caminho, das folhas secas, sementes e caramujos até os fragmentos de calçadas e outros metais nada preciosos. Mas, ao retornar dessa viagem, descubro que o El Dorado não está longe, nem inacessível. Ao contrário, próximo e presente é o próprio caminho. Sigo...



Ação Educativa



Arte Pará: Diálogos da mediação na Amazônia

Voltado à produção e propagação do conhecimento sobre arte contemporânea, o Projeto Arte Pará tem como plataforma prioritária a formação de público por meio da disseminação da produção artística atual, da execução de curadorias educativas elaboradas pontualmente sobre uma metodologia de seus conteúdos e da experimentação do exercício pedagógico de suas ações entre a pesquisa, a cidade, as obras e os artistas.

O desenho do projeto se configura a partir de um movimento de observação dos ritmos da cidade, como, por exemplo: a polifonia e atividades do Complexo do Ver-o-Peso, o movimento dos rios, os espaços culturais existentes, a arquitetura e o pulsar cotidiano do clima, que é um fator que afeta significativamente os nossos sentidos.

A partir dessa convivência com a cidade e a experiência vivenciada num período de três meses que antecede a abertura do Arte Pará, passa-se à fase de planejamento, estudos, encontros com pesquisadores, contato com artistas, curadores das mostras e com os educadores que já trabalham nos espaços expositivos onde o projeto aconteceu.

Nesta edição, o circuito se deu no Museu do Estado do Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu de Arte Sacra e Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, com o propósito de firmar parcerias, e assim planejar atividades práticas com a arte.

Outro fator que amplia o diálogo é a ação interdisciplinar das áreas de conhecimento dos estudantes que participam da mediação. Estudantes de Artes Visuais, Design Gráfico, Comunicação, Filosofia, Sociologia e Arquitetura transformam e experimentam propostas educativas nos espaços expositivos. Essa troca vem a cada edição ganhando força na mediação em que passamos a discorrer, sobre a plataforma da obra contemporânea que atravessa um campo líquido a navegar.

Neste sentido, constata-se uma proposta pedagógica construtivista, aliada às aprendizagens trazidas durante o processo de formação, a experiência no espaço expositivo nas visitas e, fundamentalmente, na construção autoral de percursos na curadoria educativa, tendo a área de conhecimento da arte como matriz indicativa.

A premissa que rege o conhecer e saber fruir num processo de ensino e aprendizagem tem o envolvimento e o enredamento do público visitante, para que ele goste e se interesse por arte – daí o constante desafio. Assim, significados imputados e retirados da obra contemporânea e do contexto expositivo pelo público são considerados pelos mediadores como orientações para a reflexão e conteúdos que se configuram nos planejamentos.

Essas ações educativas se fortalecem no decorrer de dois meses nas exposições, e gradativamente ampliam a

promoção de discussão e formação ampliada acerca da experiência artística contemporânea.

Assim, acreditamos contribuir para a organização, sistematização e apresentação de um trabalho qualitativo junto aos educadores que fazem a mediação nos espaços expositivos; junto às parcerias com as instituições de pesquisa e de culturais de Belém, na inter-relação de proposições educativas no Brasil. Esse fator firma-se como uma reflexão sobre educação em espaços culturais e suas diferentes formas de elaboração.

Nesta perspectiva, o Seminário de Educação e Arte da 32ª Edição Arte Pará 2013 trouxe para o campo de discussão a pesquisadora em arte Val Sampaio, da Universidade do Pará (UFPA), com o tema: “A linguagem da Arte contemporânea: um campo líquido a navegar”. Esta proposição suscitou questões acerca da mediação inter-relacionada com a arte; o sujeito fragmentado, redes sociais, as várias identidades comuns a essa relação de vários “eus”.

Posteriormente, o artista homenageado, Alexandre Sequeira, falou de seus processos de investigação na arte, pontualmente acerca da série “A reinvenção da memória na Vila de Lapinha da Serra”.

Assuntos referentes à ética nos museus e apresentação do projeto Arte Pará foram mediados pela designer Luana Machado, que já vem a duas edições experimentando a curadoria adjunta educacional do projeto.

A coordenadora do Programa Educativo do Sistema Integrado de Museus, Zenaide Paiva, abordou as questões acerca de arte-educação em museus, em sintonia com projetos sazonais, como é o caso do Arte Pará.

A educadora do Museu de Arte do Rio-MAR, Janaina Melo, falou de sua experiência e processos educativos pensados para o Inhotim – Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico e o MAR. Sem dúvida, foi um momento ímpar de troca e partilhamento de processos de ensino-aprendizagem em arte.

O educador de museus, Ademar Queiroz, responsável pelo agendamento de visitação de escolas falou dos processos funcionais para que ocorra organização na agenda de visitação. Uma ação compartilhada que acontece em sintonia com os educadores no espaço expositivo, que devem estar atentos para a visitação de cada dia.

A arte-educadora e pesquisadora em artes, Rosa Iavelberg da Universidade de São Paulo (USP), juntamente com Antônio Eleilson Leite, coordenador de cultura da Ação Educativa, foram convidados para fazer o lançamento da coleção Vídeos Percursos da Arte na Educação. Neste projeto, os educadores compartilharam a curadoria. O momento foi oportuno, pois fizeram a exibição do vídeo no qual a curadora educacional do Arte Pará, Vânia Leal Machado, faz parte do projeto.

Ademilton Júnior, estudante de Artes Visuais da Universidade da Amazônia (Unama), fez um relato de experiência da mediação no Arte Pará. Ademilton foi mediador na edição anterior, e hoje se configura como um educador que já coordena ações expositiva, num processo autoral.

Outra ação que teve uma interação forte com o público estudante foi a conversa aproximada do artista no espaço expositivo diante de sua obra. Assim, Alexandre Sequeira (PA), artista Homenageado, Paulo Sampaio (PA), artista selecionado, Danielle Fonseca (PA), artista selecionada, Melissa Barbey (PA), artista selecionada, Victor de La Rocque (PA), artista selecionado e Bia Medeiros (BSB), artista premiada, falaram com o público acerca de seus processos de investigação. Essa ação vem sendo fortalecida a cada edição do Arte Pará.

Pensando no público externo, dois workshops marcaram significativamente a qualidade das ações educativas. O artista homenageado, Alexandre Sequeira (PA), abordou a *Poética do Encontro: fotografia e*

AÇÕES COMUNICATIVAS





Fotos: Shirley Penaforte





Fotos: Shirley Penaforte



Fotos: Shirley Penaforte

relações de trocas simbólicas. O público participante foi ampliado e convictamente iniciou-se a formulação de conceitos acerca do trabalho do artista para outros processos artísticos.

Ana Maria Maia (PE) abordou a questão do conceito “*Contemporâneo?*”. “*Contemporâneo*”. “*Contemporâneos*.”. Na proposta, Ana dialoga com o grupo, conforme a performance de Tino Seghal (“It’s so contemporary, so contemporary, so contemporary...”, 2005), e instiga acerca de vivemos o contemporâneo como um ato em si, uma celebração da atualidade, uma justificativa cronológica para tudo. Se a arte é feita no presente, então ela é contemporânea. Seria mesmo? Crescem na produção artística e teórica tentativas de se definir um estatuto não apenas cronológico, mas crítico e, acima de tudo, político, para o contemporâneo, para a contemporaneidade, para a arte contemporânea.

Estas ações são importantes para o projeto Arte Pará para a construção, participação e discussão de um público mais ampliado.

Ressaltamos as oficinas coordenadas pela educadora de museus Zenaide Paiva, que aconteceram

sistematicamente no decorrer do período expositivo. Ademilton Júnior ministrou a oficina intitulada *Pintando Realidades*, especialmente para a comunidade do lixão do Aurá que experimentou uma tarde no museu.

A percepção desenvolvida a partir das experiências educativas nos espaços expositivos do Arte Pará nos encaminha para o processo de sistematização do ensino-aprendizagem para a arte contemporânea através de temas que atravessam formas de aprendizado, que se organizam a partir do suporte contemporâneo utilizado nas práticas artísticas.

Assim, pintura, gravura, desenho, intervenção, instalação, entre outros, além do contato com os artistas na liberdade dialógica do público visitante, na participação ativa nas ações que buscam clareza nos conceitos e nos acontecimentos vitais para o mundo contemporâneo que revigoram a produção artística atual, nosso projeto se renova a cada edição.

Vânia Leal

Curadora Educacional Projeto Arte Pará Ano 32



ARTISTAS HOMENAGEADO, CONVIDADOS E SELECIONADOS

MUSEU DO ESTADO DO PARÁ - MEP

ALBERTO BITAR
Artista Selecionado
Belém-PA
afbitar@gmail.com
Breve vazio, da série sobre vazio
Fotografia | 2013]

ALEXANDRE SEQUEIRA
Artista Homenageado
Belém-PA
arsequeira@hotmail.com
Meu Mundo teu – Trabalho realizado em parceria com Jefferson Oliveira e Tayana Wanzeler

Entre Lapinha da serra e o Mata Capim – Trabalho realizado em parceria com Rafael Oliveira e seu Juquinha.

Nazaré de Mocajuba

Apenas uma questão de tempo

Cerco à memória
Fotografia [2007] [2009-2010] [2004 2005] [2005] [2005]

Agradecimentos
Armando Queiroz, Eder Chiodetto, Equipe da Fundação Romulo Maiorana, Fábio Cavalcante, Jefferson Oliveira, Lock Engenharia, Marisa Mokarzel, moradores de Nazaré de Mocajuba, Nando Lima, Paulo Herkenhoff, Rafael Oliveira, seu Juquinha, Tayana Wanzeler.

ARY SOUZA
Segundo Grande Prêmio
Belém-PA
Ary.souza1@gmail.com
Compasso
Fotografia | 2013

CORPOS INFORMÁTICOS (Bia Medeiros)
Primeiro Grande Prêmio
Brasília-DF
mbmcorpos@gmail.com
Quem vai saber o que está na alma do artista

Reboque
Vídeoarte | 2013

DIRCEU MAUÉS
Artista Selecionado
Brasília-DF
dmaues@yahoo.com

Extremo 01
Extremo 3
Fotografia | 2013

DIRNEI PRATES
Artista Selecionado
Porto Alegre-RS
dirneiprates@hotmail.com
Elba foi achado uma hora após o corpo de L.
Pai e filho morrem em acidente em V.F.
Após 23h, corpo é localizado em arroio
Fotografia | 2013

EGON PACHECO
Artista Selecionado
Santarém-PA
egonpacheco@hotmail.com
Sudário I, II e III (Mangueiras-PA)
Gravura | 2013

FEDERICO HERRERO

Artista Convidado
San José-Costa Rica
S/Título
Intervenção pictórica

GABRIEL IVAN
Artista Selecionado
Porto Velho-RO
leirbagnavi@hotmail.com

2 por 4 – Edifício Copan

2 por 4 – galpão da Estrada de Ferro Madeira Mamoré
Fotografia | 2013

JANAINA MELLO
Artista Selecionada
São Paulo-SP
janainamello@gmail.com

Ciclotrama
12 (corda)
Instalação | 2013

JULIANA NOTARI
Artista Selecionada
Rio de Janeiro - RJ
julinotari@gmail.com
Soterro capítulo 1, 2, 3
Fotografia | 2013

MARINA BOAVENTURA
Artista Selecionada
Palmas-TO
mar.boaventura@gmail.com
Assédio Moral
Performance | 2013
Grande Prêmio

MELISSA BARBERY
Artista Selecionada
Belém-PA
melissabarbery@gmail.com
Novela
Vídeoarte | 2013

KAMMAL JOÃO
Artista Selecionado
Rio de Janeiro-RJ
kammaljoao@gmail.com

O caminho que atravessa o caminhante-Série Azul

Encontros – Série Azul

O limiar do Inconsciente – Sério Azul
Objeto | 2013

KARINA ZEN
Artista Selecionada
Florianópolis-SC
karizen@uol.com.br

E.N.&L.I.
S/Título

Dona Morelli, Família Pereira, Dona Jandira
Fotografia | 2013

KEYLA SOBRAL
Artista Seleccionada
Belém-PA
keylasobral@msn.com
Já fomos felizes juntos
Instalação | 2013

LUCIANA MAGNO
Artista Seleccionada e Convidada
Belém-PA
lulumagno@yahoo.com.br

A Coragem da Verdade
Objeto | 2013

S/título
Performance orientada para Fotografia | 2012

Orgânicos
Performance orientada para Fotografia | 2013

PAUL SETUBAL
Artista Seleccionado
Aparecida do Norte-Go
paulsetubal@hotmail.com
Constelação I, II e III
Desenho | 2013

PAULO SAMPAIO
Artista Seleccionado
Belém-PA
Sold.borracha.pa@gmail.com
Soldado da borracha
Instalação | 2013

RAQUEL VERSIEUX & VICENTE PESSÔA
Artistas Seleccionados
Rio de Janeiro-RJ
Raquel.raquel@gmail.com
Estojo Monjolo
Parcimônia e Elegância
O Quarto Estado
Fotografia | 2013

REGINA SURIANI
Artista Seleccionada
Marabá-PA
rsuriani@hotmail.com
Buiúna 1, 2 e 3
Fotografia | 2013

SOLON RIBEIRO
Artista Seleccionado
Fortaleza-CE
solonribeiro@yahoo.com.br
Pro je Ação 1
Performance direcionada para fotografia | 2013

THIAGO MARTINS DE MELO
Artista Convidado
ticobal@hotmail.com
São Luis-MA
O ciclo do cão 1
Pintura | 2013

WARLEI RODRIGUES
Artista Seleccionado
Belo Horizonte-MG
odesali@gmail.com
Rua do senado
Avenida Brasileira
Rua da Construção
Pintura | 2013

WENNEDY FILGUEIRA
Artista Seleccionado
Rio Branco-AC
Wennedy_5@hotmail.com
Incógnita

Proteção
Pés Rápidos
Pintura | 2013

VICTOR DE LA ROCQUE
Artista Seleccionado
Belém-PA
Victor_larocque@yahoo.com.br

Linha
Performance | 2013

Não Fosse isso e era menos, não fosse tanto e era quase
Fotografia | 2013

VITÓRIA BARROS
Artista Seleccionada
Marabá-PA
vitoriabarrosarte@yahoo.com.br
Entre paralelos e meridionais
Desenho | 2013

CASA DAS ONZE JANELAS
DANIELLE FONSECA
Artista Seleccionada
Belém-PA
encomend@yahoo.com.br
É claro que amanhã fará um dia bonito
Instalação | 2013

MUSEU DE ARTE SACRA
PABLO LOBATO
Artista convidado
Belo Horizonte- MG
Bronze revirado
Vídeo Instalação

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
OTONI MESQUITA
Artista Convidado
Manaus-AM
Achados do El Dorado
Gravuras | 2013
Agradecimentos
Agnaldo Nascimento, Ana Cristina Sawada, Carlos José da Silva, Davi Melo, Fernanda Queiroz, Fernando de Assis, Horácio Higuchi, Nilson Gabas, Martha Carvalho, Norberto Ferreira, Rogério Bezerra, Roseny Mendes, Wanda Okada.

ARTE PARÁ 2013

EXPOSIÇÃO

Concepção e Curadoria
Paulo Herkenhoff

Curadoria Educacional
Vânia Leal Machado

Coordenação Geral
Roberta Maiorana
Daniela Sequeira

Assistente de Coordenação
Fabrícia Sember

Assessoria de Imprensa
Jecyone Pinheiro

Júri de Seleção e Premiação
Christiane Tejo
Janaina Mello
Marisa Morkazel
Walda Marques
Paulo Herkenhoff

Projeto de Montagem
Roberta Maiorana

Gerente de Montagem
Marta Freitas

Equipe de Montagem
Ademilton Junior, Cristiano Damasceno, Évila Lorena Nascimento, Hannah
Marina Pontes, Marcos Reynaldo, Marcelo Martins, Mário Kelsen.

Apoio de Montagem
Andréia Cunha, Paulo Ponte, Rafael Willian, Wesley Cavalheiro

Motorista
Aureliano Lins, David Dantas

Equipe Apoio
MEP, MAS, Museu Paraense Emílio Goeldi,
Espaço Cultural Casa das Onze Janelas

Segurança
Security Amazon

Serviço Gerais
Service Amazon

Elétrica
Araújo Abreu Engenharia

CATÁLOGO

Curadoria Geral do Arte Pará Ano 32
Paulo Herkenhoff

Coordenação Geral
Roberta Maiorana
Daniela Sequeira

Organização
Vânia Leal Machado

Projeto Gráfico
Daniela Sequeira

Ficha Catalográfica
Daniela Sequeira

Editoração Eletrônica
Ezequiel Noronha Jr.

Fotografias Catálogo e Educativo
Otávio Tsuyoshi Iwabuchi

Tratamento de Imagens
Gilson Magno

Textos

Lucidéa Maiorana
Horácio Higuchi
Paulo Chaves Fernandes
Paulo Herkenhoff
Roberta Maiorana
Vânia Leal Machado

Revisão
Ireneide Silva

Impressão
RM Graph

Todas as imagens e informações contidas nos textos são de inteira responsabilidade de seus autores.

CURADORIA EDUCACIONAL

EDUCADORES

Curadoria Adjunta

Luana Leal Machado

Museu do Estado do Pará

Cid Léo Andrade Batista

Flávia Beatriz Galende

Gabriela Macedo Patrazana

Igor Lima Alencar

Júlia Trindade Freire

Rafael Pinto

Espaço Cultural Casa das Onze Janelas

Jailson Gonçalves

Yasmin Alves

Museu Paraense Emílio Goeldi

Andrei Luiz Piedade Meiguins

Isabel Souza de Moura

Larissa Leal Lima

Renato Revis Bonfim Pereira

Galeria Fidanza – Museu de Arte Sacra

Naiara Nogueira dos Santos

Muriel Lobato

Seminário de Educação e Arte 32ª Edição Arte Pará 2013

A linguagem da Arte contemporânea: um campo líquido a navegar

Val Sampaio

Processos Educativos no Inhotim – Instituto de Arte Contemporânea e Jardim

Botânico e Museu de Arte do Rio-MAR

Janaina Melo

A reinvenção da memória na Vila de Lapinha da Serra

Alexandre Sequeira

Ética na Mediação e Projeto Arte Pará

Vânia Leal Machado

Arte Educação em Museus

Luana Leal

Arte Contemporânea em Espaços Culturais

Zenaide Paiva

Processo de Agendamento Arte Pará

Ademar Queiroz

Percursos Educativos no Brasil

Rosa Iavelberg e Antônio Eleilson Leite

Relato de Experiências Arte Pará

Ademilton Junior

Conversa aproximada do artista no Espaço Expositivo

Alexandre Sequeira (PA), Artista Homenageado

Paulo Sampaio (PA), Artista selecionado

Danielle Fonseca (PA), Artista selecionada

Melissa Barberly (PA), Artista selecionada

Victor de La Rocque (PA), Artista selecionado

Bia Medeiros (PA), Artista premiada

Curadores e Júri de seleção: Paulo Herkenhoff, Janaina Melo, Walda Mar-

ques, Cristiana Tejo

PROGRAMAÇÃO DO NÚCLEO DE OFICINAS

Workshop Poética do Encontro: Fotografia e relações de trocas simbólicas

Alexandre Sequeira

Workshop “Contemporâneo?. ‘Contemporâneo’. Contemporâneos.”

Ana Maria Maia

Oficinas sistemáticas no Museu do Estado do Pará

Coordenação do Núcleo oficina

Zenaide Pereira de Paiva

Educadores ministrantes das oficinas

Ademilton Azevedo de Arruda Júnior - Oficina Pintando Realidades

Educadores ministrantes

Cid Léo Andrade Batista

Flávia Beatriz Galende

Gabriela Macedo Patrazana

Igor Lima Alencar

Júlia Trindade Freire

Rafael Pinto

AGRADECIMENTOS

Governo do Estado do Pará
Secretaria Executiva de Cultura (SECULT)
Secretaria Executiva de Educação (SEDUC)
Secretaria de Estado de Obras Públicas (SEOP)
Sindicato das Empresas de Transp. de Passageiros de Belém (SETRANS BEL)
Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIM)
Coordenação de Educação e Extensão do SIM
Coordenação de Montagem e Curadoria do SIM
Comunidade da Ilha do Combu
Espaço Cultural Casa das Onze Janelas
Círculo Engenharia
Mendes Comunicação
Museu do Estado do Pará (MHEP)
Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)
Museu de Arte Sacra (MAS)
RM Graph
Projeto O Liberal na Escola
Sol Informática
Restaurante Remanso do Bosque
Restaurante Pomme D'or
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA)
Escola Superior Madre Celeste (ESMAC)
Universidade da Amazônia (UNAMA)
Tintas Veloz
D'Avila - Comunicação Visual & Serigrafia
Produções & Cia
Araújo Abreu Engenharia
Security Amazon
Service Amazon
Lock Engenharia

A todos os artistas selecionados e convidados, pesquisadores, curadores, fotógrafos, colaboradores e à equipe das ORM, que contribuíram para a realização deste projeto.

Ademar Queiroz Junior, Agnaldo Nascimento, Alessandra Monteiro Correia, Alexandre Renda, Alexandre da Cunha Barata, Alípio Martins, Alison José da Silva Borges, Ana Cláudia Hage, Ana Cristina Sawada, Ana Maura Lopes, Antônio Eutálio Costa Correa, Armando Queiroz, Bianca Silvestre, Bruna Marcela Silva, Carlos José da Silva, Carmem Cal, Carmem Peixoto, Carol Abreu, Clara Costa, Davi Melo, Eder Chiodetto, Edgard Romero Rodrigues Alves, Elza Tavares, Evandro Carlos de Souza Lima, Fábio Cavalcante, Felipe Castanho, Fernanda Queiroz, Fernando de Assis, Gilberto Massoud, Haroldo Verbicaro Tuma, Helen Barreto, Helenilton Menezes, Horácio Higuchi, Joaquim Passarinho, João Duarte, Jefferson Oliveira, Jhivago Andrade, Juliana Barroso, Juliana Leal de Macedo, Juliana Santiago Dias, Jurandir Barbosa, Leandro Machado Cruz, Lourenço D'Avila, Luciana Cristina Akim da Vitória, Luiz Peixoto, Luiz Brazil Júnior, Marisa Mokarzel, Marcelo Nagano, Mário Martins, Marcos Moraes, Marcos Klautau, Marcus Moreira, Martha Carvalho, Milton Soeiro, Milton Augusto Freitas de Meira, Moradores de Nazaré de Mocajuba, Nando Lima, Nelson Rodrigues Sanjad, Nilson Gabas Júnior, Nilson Correa Damasceno, Norberto Ferreira, Oswaldo Mendes, Oswaldo Mendes Filho, Paulo Assunção, Paulo Chaves Fernandes, Paulo Fernandes Gomes, Paulo Herkenhoff, Padre Ronaldo Menezes, Paulo Roberto Santi, Rafael Oliveira, Roberto Ferreira, Rogério Bezerra, Rose Mendes Meira, Roseny Mendes, Sâmia Corrêa, Sérgio Alencar Melo, Seu Juquinha, Tayana Wanzeler, Thiago Leite da Silva, Thiago Castanho, Wânia Martins, Wanda Okada.



Lucidéa Maiorana
Presidente

Roberta Maiorana
Diretora Executiva

Daniela Sequeira
Assessora Geral

Fabírcia Sember
Assistente Executiva

Aureliano Lins
Estrutura da FRM

Fundação Romulo Maiorana
Av. Romulo Maiorana, 2. 473 – Marco – CEP: 66.093-055
Fones: (91) 3216.1142 e 3216.1125 – Fax: (91) 3216.1125
E.mail: fundrm@oliberal.com.br
Telegramas: jornal O Liberal.
Belém – Pará – Brasil
Website: www.frmaiorana.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Cleide Oliveira

A 786 Arte Pará 2013 ano 32. – Belém: Fundação Romulo Maiorana,
2014

132 p. il..

ISBN: 978-85-62494-09-3

1. Maiorana, Roberta. 2. Sequeira, Daniela. 3. Herkenhoff, Paulo.
4. Machado, Vânia Leal. I. Título.

CDD 7730.81



Este catálogo foi impresso pela RM Graph, no papel Couchê fosco
150 g/m² para o miolo e no papel Cartão Supremo Duodesign
350g/m² para a capa. Foi utilizada a tipologia CG Omega.
A tiragem inicial foi de 700 exemplares.

Apoio



Patrocínio



Realização



